

Anexos

Anexo A- Guiões de entrevista

Guião de Entrevista para Alunos EFTA

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência das ações de Empreendedorismo: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações que estão por de traz da sua participação neste projeto do clube de alunos?
2. Qual é a importância que atribui á colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?
3. Pode descrever-me em consiste este projeto? (Atividades desenvolvidas, objetivos, recursos, metodologias)
4. Considera que o projeto que está a ser desenvolvido está a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais?
5. Que contributo considera estar a receber com este projeto para a sua futura integração no mercado de trabalho?
6. No seu entender porque é que é importante que a escola que frequenta promova iniciativas que ajudem os jovens a desenvolver estas competências?

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num projeto deste tipo? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.
2. Quais são as competências que considera que já possuía antes deste projeto e quais aquelas que espera vir a desenvolver ao longo deste projeto?

3. Até que ponto este projeto se adequa às suas expectativas e necessidades de aprendizagem?

Percebe alguma lacuna neste projeto que ultrapassada permitisse o projeto funcionar melhor?

5. Seria possível melhorar este alguns aspetos em futuros projetos? em termos de duração, estrutura, metodologias ...

6. Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo do projeto encararia a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Porquê?

7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Quais as estratégias que utilizaria superar/ minimizar estas dificuldades?

8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

9. Dados caracterização do entrevistado

Idade

Nacionalidade

Habilitações Literárias

Curso a frequentar

Duração do curso

Muito obrigado pela sua colaboração!

Guião de Entrevista para o grupo Artes de Coração (Pessoas desempregadas)

Boa Tarde, o meu nome é Helder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência da atividade Empreendedora: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações que estão por de traz da sua participação no grupo Artes de Coração?
2. Qual é a importância que atribui á colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?
3. Pode descrever-me em que consiste este grupo? (Vertentes, atividades desenvolvidas, finalidades)
4. Considera que as atividades que são desenvolvidas neste grupo estão a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais?
5. Que contributo considera estar a receber neste grupo para uma futura atividade profissional?
6. Qual é o contributo dado pelo projeto RiAgir? Pode descrever-me?
7. Qual é a importância que atribui à colaboração do Projeto RiAgir?
8. No seu entender porque é que é importante que instituições locais como o Centro social e Paroquial de N S Fátima promova iniciativas que ajudem as pessoas desempregadas desenvolver estas competências?

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num grupo como este? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.

2. Quais são as competências que considera que já possuía antes deste projeto e quais aquelas que esperava e espera vir a desenvolver ao longo da sua participação neste grupo?
3. Até que ponto as atividades desenvolvidas neste grupo se adequam às suas expectativas e necessidades de aprendizagem?
4. Percebe alguma lacuna que se fosse ultrapassada permitiria que o grupo funcionasse melhor?
5. Seria possível melhorar alguns aspetos numa outra fase deste grupo? Em termos de organização, duração, estrutura, metodologias ...
6. Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo da sua participação neste grupo encararia a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais? Porquê?
7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar essas dificuldades?
8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

9. Dados caracterização do entrevistado

Idade

Nacionalidade

Habilitações Literárias

Duração do curso

Muito obrigado pela sua colaboração!

Guião de Entrevista para a Assistente Social do Centro social e Paroquial de N.S Fátima

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência da atividade Empreendedora: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações para a colaboração com o grupo Artes de Coração?
2. Quais os objetivos/ motivações que percebe nos elementos do grupo para a sua participação no referido grupo?
3. Qual é a importância que atribui à colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?
3. Considera que as atividades que são desenvolvidas neste grupo estão a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais aos elementos do grupo?
4. Que contributos considera que este grupo fornece aos seus elementos para uma futura atividade profissional? (Reinserção)
6. No seu entender porque é que é importante que instituições locais como o Centro social e Paroquial de N S Fátima promova iniciativas que ajudem as pessoas desempregadas desenvolver estas competências?

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num grupo como este? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.
2. Quais as competências e esperava e espera que sejam desenvolvidas com a frequência das pessoas desempregadas neste grupo?

3. Na sua percepção, até que ponto as atividades desenvolvidas neste grupo se adequam às expectativas e necessidades de aprendizagem dos seus elementos?
4. Percebe alguma lacuna que sendo ultrapassada permitiria que o grupo funcionasse melhor?
5. Seria possível melhorar alguns aspetos numa outra fase deste grupo? Em termos de organização, duração, estrutura, metodologias ...
6. Mediante as experiências adquiridas ao longo do trabalho desenvolvido com este grupo encararia a possibilidade de vir a criar/ participar em outros projetos sociais ou profissionais? Porquê?
7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar essas dificuldades?
8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

9. Dados caracterização do entrevistado

Idade

Nacionalidade

Habilitações Literárias

Duração do curso

Muito obrigado pela sua colaboração!

Guião de Entrevista para Técnicos do projeto RiAgir

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

1. Dados de caracterização do/a entrevistado/a (habilitações literárias; função; há quanto tempo exerce; enquadramento)
2. Dados de caracterização geral do Projeto (Públicos alvo)

Educação para o empreendedorismo nos jovens e com adultos desempregados - a sua importância e especificidades

1. Importância da sensibilização para o empreendedorismo em contextos socialmente desfavorecidos: razões associadas a essa importância ou não; limites e potencialidades
3. Relevância atribuída pelo projeto RiAgir a esta dimensão e razões subjacentes

Educação para o empreendedorismo em jovens e com adultos desempregados: Avaliação

1. Reconhecimento da importância dos programas de sensibilização para o empreendedorismo em termos de integração profissional para jovens e processos de re) inserção profissional para desempregados;
2. Tipo de impactes identificados, lacunas e necessidades de readaptação;
3. Lacunas/ constrangimentos percecionados neste tipo de ações em termos de construção de competências junto dos jovens a integrar o mercado do trabalho, e numa dimensão de reintegração profissional dos adultos desempregados (a influência do contexto; a influências de variáveis familiares e pessoais; a insuficiência/ não acesso a apoios, financeiros e outros, ao empreendedorismo, entre outros aspetos)

4. Articulação da formação para as competências empreendedoras com outras estratégias/ processos de reeducação: (des)vantagens, procedimentos, dificuldades...
5. Identificação de potencialidades, lacunas e aspetos a melhorar/ transformar no domínio da sensibilização para o empreendedorismo em geral e em particular no contexto dos jovens a integrar no mercado de trabalho e dos adultos desempregados.
6. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Muito obrigado pela sua colaboração!

Anexo B- Entrevistas Realizadas

Entrevista a elementos do clube de Alunos EFTA

(E1)

Boa Tarde, o meu nome é Helder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência das ações de Empreendedorismo: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações que estão por trás da sua participação neste projeto do clube de alunos?

Então... Foi pedido a cada turma a participação no clube de alunos da escola (EFTA) para que pelo menos dois alunos de cada turma integrassem o clube de alunos. Decidi participar porque gosto de ajudar as outras pessoas. Porque hoje são elas mas amanhã posso ser eu e também é importante porque em termos pessoais, como referi, gosto de ajudar as pessoas e dá-me motivação no dia-a-dia.

2. Qual é a importância que atribui à colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?

É muito importante porque se calhar com o projeto nós fazemos projetos mais à frente, no sentido de sermos mais ambiciosos, abraçarmos causas mais estimulantes e utilizarmos metodologias mais sofisticadas do que seria se fossemos apenas nós a pensar em projetos e a executa-los. Com a orientação do projeto RiAgir aprendemos outras formas mais eficazes de concretizar os nossos objetivos enquanto clube de Alunos.

3. Pode descrever-me em consiste este projeto? (Atividades desenvolvidas, objetivos, recursos, metodologias)

O clube de Alunos consiste em ajudar alunos desta escola, que tem dificuldades, por exemplo, a ir para estágio. Porque um aluno que não tenha condições económicas para ir para estágio sem o apoio do clube de alunos não teria como ir estagiar. Às vezes os alunos vão estagiar longe, para cidades como o Algarve, Douro... No fundo o clube de alunos trabalha durante o ano para angariar fundos para ajudar estes alunos e também para ajudar outras instituições.

Nós no clube de alunos promovemos varias atividades, como por exemplo: Dinamizamos o dia dos namorados, o dia das mentiras, a pascoa, entre outras atividades assim como dias mais importantes que assinalamos na escola. Aquele concerto solidário que vamos promover no dia 2 de Maio que se intitula por “Uma música por um Sorriso”. Basicamente é uma iniciativa para angariar fundos para ajudar instituições propostas pelos alunos que pertencem a este grupo.

No caso da dinamização do dia dos namorados, dia das mentiras e pascoa, é para ajudar os alunos da escola. Mas o projeto solidário “uma música por um sorriso, já é para ajudar outras pessoas de fora, para ajudar outras instituições de fora da escola.

4. Considera que o projeto que está a ser desenvolvido está a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais? Que aspetos salientaria para justificar a sua resposta?

Sim. Porque eu por exemplo, posso não gostar de algumas pessoas que trabalham comigo no projeto e no assim estou a aprender a interagir mais com eles porque um dia na minha vida profissional eu tenho que saber lidar no trabalho, com toda a gente quer goste, quer não goste das pessoas. Esse aspeto é um dos contributos que identifico como sendo uma competência que estou a desenvolver no âmbito deste projeto.

Este é um dos aspetos que saliento para justificar a minha aprendizagem no projeto levado a cabo por nós, clube de alunos. Por exemplo, para ser uma pessoa mais interessada, a investigar mais, a desenvolver maior criatividade e imaginação, esse tipo de competências.

5. Pessoalmente, que contributo considera estar a receber com este projeto para a sua futura integração no mercado de trabalho?

Sim considero que ao participar neste projeto hoje reconheço mais aptidões que me vão ser uteis no mercado de trabalho. Competências que eu há um ano atrás quando entrei para o clube de aluno, não sabia que possuía. Eu não me achava assim uma pessoa muito criativa com grande capacidade de imaginação. Mesmo a nível de convivências e a nível de iniciativa noto que estou mais hábil.

Eu também não ligava muito a isso. Hoje em dia já ligo mais.

6. No seu entender porque é importante que a escola que frequenta promova iniciativas que ajudem os jovens a desenvolver estas competências?

Porque há muitos jovens que têm o sonho de estudar Turismo. Devido ao facto de que muitos deles são de fora/longe precisam de ajuda do ponto de vista económico. Uma vez que grande maioria dos alunos desta escola tem dificuldades financeiras, se a escola não ajudasse esses alunos, se calhar ia ter poucos alunos. Quase todos os alunos desta escola são naturais e residentes fora da cidade de Aveiro. Este tipo de ações, estes projetos que desenvolvemos no clube de alunos no fundo acaba por ser um trabalho com vista a ajudar os outros, pensar em ideias para ajudar os outros, e por isso considero que projetos como este podem ajudar os jovens a desenvolver competências de cidadania ativa e acho que isso é bom.

Considero que as escolas deviam promover mais este tipo de atividades não só do ponto de vista extracurricular mas também no ponto de vista curricular. Era interessante porque há muitos alunos que tem o sonho de tirar os cursos e não tiram porque não tem apoios. Se todas as escolas, mas mais as privadas tivessem assim algo semelhante a um clube de alunos era muito melhor. Refiro-me a isso no sentido de haver nas escolas uma associação ou uma entidade desse tipo que trabalhasse com a missão de ajudar os alunos mais necessitados.

Mas a nível pessoal para mim ou para outro aluno que faça parte deste clube ou associação e que se encontre envolvido na preparação das iniciativas/ projetos isso é uma mais-valia porque as dinâmicas que desenvolvemos, as metodologias que utilizamos ajuda-nos a aprender um conjunto de procedimentos e de atitudes que nos fazem sentir pessoas mais capazes e realizadas. Porque existem vários alunos que não tem ... que são pessoas muito tímidas, que tem medo de falar e às vezes se outras pessoas mais motivadoras que as puxam para vir e elas acabam por se libertar mais e a acreditar mais nas suas capacidades e no fundo este tipo de atividades ajudam aqueles alunos que nas turmas são mais tímidos e que nós podemos estimular para fazer algo que os faz sair a sua zona de conforto e eles fazem e acabam por perceber que afinal até tem jeito para aquilo. As vezes para apresentar expor as suas ideias e acreditar que são capazes de as levar a cabo. E na realidade que conheço as atividades embora possam dar trabalho e requiere tempo não são tarefas complicadas, são simples. E em grupo não custam assim tanto e tem o benefício de nos ajudar a desenvolver capacidades e competências em mim e nos meus colegas. Aprendemos juntos, uns com os outros e embora seja serio, é quase uma brincadeira. Que nos permite aprender coisas muito importantes para a realidade do mercado de trabalho. O importante é ter motivação e acho que é uma coisa que se aprende.

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num projeto deste tipo? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.

Ao longo do tempo uma pessoa que participe neste grupo e que esteja a colaborar ativamente acaba por se ir abrindo mais e superando algumas limitações e barreiras que possuía. Uma pessoa perde parte da sua timidez e começa a deixar fluir as ideias....

2. Quais são as competências que considera que já possuía antes deste projeto e quais aquelas que espera vir a desenvolver ao longo deste projeto?

Eu tinha motivação, tinha interesse e acho que aqui demostrei ser uma pessoa mais criativa, porque eu não era uma pessoa muito criativa e imaginativa e aprendi a trabalhar com algumas pessoas que não gosto, porque eu antes era sempre com aqueles que gostava que eu trabalhava. Era sempre com aqueles de que gostava. Ali (clube de alunos) não tenho que lidar com as pessoas que entram e que são diferentes. Aprendi a lidar com as suscetibilidades e particularidades de cada um. Já me sinto capaz de orientar as atividades necessárias a concretização de um projeto. Sou uma das responsáveis pelo grupo clube de alunos. Por exemplo na terça, dia 1 de Abril, dia das mentiras fui eu que tive que organizar quase tudo. Tive que ir para a frente. Mas se calhar há uns meses ou um ano atrás eu não seria capaz de levar as coisas para a frente de uma forma tão desenvolta. Este percurso que tenho vindo a fazer tem-me ajudado muito a tomar consciência daquilo que sou capaz. E a desenvolver um conjunto de capacidades que me permite hoje organizar uma atividade quase por conta própria. No sentido de ser capaz de tomar a iniciativa e levar as coisas para a frente de uma forma desembaraçada, e algo autónoma, mesmo contando com a colaboração dos colegas. Às vezes é preciso liderar e nem todas as pessoas tem esse perfil e nem sempre há um líder a tomar as “rédeas da situação” E é numa situação dessas que tu instintivamente decides dar um paço à frente, e se te aceitam como tal tu passas a ser uma das pessoas que lidera/ orienta as tarefas necessárias no processo de preparação de uma iniciativa.

3. Até que ponto este projeto se adequa às suas expectativas e necessidades de aprendizagem?

Eu no início nem ligava muito/ não me empenhava muito. Mas depois entrei mais dentro da filosofia/ missão do grupo e comecei a gostar mais, se bem que às vezes há dias importantes que são assinalados que eu, pessoalmente não considero que sejam importantes. Se calhar algumas coisas a que os meus colegas do Clube de Alunos, dão valor, eu não dou assim tanta importância. Considero que outras iniciativas faziam mais sentido e essas não são levadas a cabo. Por exemplo: eu não acho importante celebrar o dia das mentiras, há tanta gente que mente todos os dias do ano, por isso acho que o dia das mentiras não é muito importante. Não vejo assim nenhum dia que não sendo

comemorado, se devesse comemorar. Para mim faria mais sentido realizar iniciativas independentemente de os dias serem ou não importantes. Porque aqui no projeto do clube de Alunos a única coisa que está mal é que nós só comemoramos os dias considerados mais importantes. Até podíamos fazer atividades todos os dias para alegrar um bocado o ambiente da escola. Uma das minhas expectativas antes ao entrar no clube de Alunos era dinamizar a escola porque é pouco alegre e pouco dinamizada.

Percebe alguma lacuna neste projeto que possa ser ultrapassada e permitir que o projeto funcione melhor?

O Clube de alunos organizar-se de forma a poder dinamizar e dar mais alegria ao dia a dia na escola. Mesmo que não fosse todos os dias, mas com muito mais frequência para se dar mais dinâmica à escola.

5. Seria possível melhorar este/alguns aspetos em futuros projetos? em termos de duração, estrutura, metodologias ...

Sim eu gostaria de tornar a escola mais dinâmica e se pudesse também gostaria de fazer com que as reuniões do clube de alunos em que preparamos as atividades fossem mais produtivas. Para isso é necessário que as reuniões durem mais tempo. Normalmente é uma hora ou menos. É Uma coisa sempre a correr porque as pessoas estão sempre com pressa. Mas para mim devia ser uma hora e meia. Em que todos nos pudessemos juntar para termos as ideias e não ser tudo feito à pressa. Porque o tempo por semana que dedicamos a este clube e às tarefas inerentes às iniciativas, deveria ser um bocadinho maior.

Em vez de estarmos só a falar podíamos investigar mais, tentar trabalhar mesmo em algo concreto em tarefas concretas. Não ser apenas pensar nisto ou naquilo. Acho que tem que ser mesmo trabalhar assertivo. Para mim tinha que haver uma parte inicial de tomada de decisões e de ponto de situação e continuar com mais tempo à execução conjunta das tarefas necessárias. Por exemplo fazer um cartaz, ou fazer rifas, ou contactar as instituições. Para mim as reuniões deveriam ser mais demoradas e para trabalho em sala, em vez de cada um fazer as tarefas isoladamente, porque não é tão produtivo, fazermos as coisas juntos porque além de nos ajudarmos uns aos outros podemos controlar a eficiência na realização das tarefas. Além disso também há opiniões diferentes e se um está no computador a fazer um cartaz, todos podem ver e dar a sua opinião. Desta forma não nos prendemos na burocracia de levar a tarefa para casa, e depois consensualizar diversas opiniões na concretização de uma tarefa.

6. Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo do projeto encara a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Porquê?

Sim. Eu gosto de Criar iniciativas e projetos. Acho mais interessante criar porque implica investigar pensar as formas e processos na realização de um objetivo. Para mim é muito mais interessante criar um projeto do que participar num já existente. Não me importava de participar, mas criar é mais aliciante. Considero muito a possibilidade de criar tanto projetos de intervenção social como ao nível de criação do meu próprio negócio. No próximo ano vou fazer a Minha Prova de aptidão profissional que implica pensar um projeto para implementação futura num contexto profissional. Esse é um projeto que vou fazer durante o próximo ano, leva o ano inteiro a preparar e depois vai ser apresentado a um júri e se for considerado um projeto muito bom para ser implementado. Quando acabar o meu curso é algo que gostaria de concretizar.

7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar estas dificuldades?

Depende. Como ainda não estou a trabalhar a fundo nesse projeto (PAP) ainda não estou bem dentro daquilo que podem ser as dificuldades que posso encontrar. Mesmo ao nível das minhas competências pessoais não identifico nenhuma característica que pudesse ser uma limitação para um projeto de futuro. Para fazer as coisas vou à procura das formas disponíveis e mais eficazes para atingir os meus objetivos. Por isso qualquer dificuldade que possa encontrar na realização de um projeto futuro, penso que será solucionada porque se não poder ir pelo caminho mais usual irei procurar um atalho que me permita lá chegar. Terei que usar de uma postura flexível, logo adaptável à realidade do momento, para não deixar cair os meus projetos. Penso que a única dificuldade que posso encontrar é apostar numa área que depois venho a perceber que o público-alvo é escasso. Por exemplo fazer um plano para uma área que de momento me parece mais viável e quando a quiser concretizar as coisas terem mudado ao ponto que não haver saída para o meu projeto. No fundo uma dificuldade que posso encontrar é em ser assertiva no tipo de projeto que vou preparar. Imagine que eu vou abrir um negócio a pensar que tenho um público que o justifique e depois com o passar do tempo me apercebo que afinal não tenho clientes para o meu produto.

8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Não. Penso que disse tudo.

9. Dados caracterização do entrevistado

(Nome e idade não relevados por questão de confidencialidade)

Nacionalidade- Portuguesa

Habilitações Literárias 9º

Curso a frequentar Técnico de turismo

Duração do curso 3 anos.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Guião de Entrevista para Alunos EFTA (E2)

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência das ações de Empreendedorismo: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações que estão por de traz da sua participação neste projeto do clube de alunos?

Primeiro eu integrei este Projeto do Clube de Alunos no ano passado. Foi uma espécie de experiencia. Não sabia com o que havia de contar o que é que iríamos fazer lá até que chegou o momento em que entrei. Entrei eu e mais quatro colegas nossos. Sendo que no final apenas ficamos duas. Eu e a S...ia que estamos presentes neste momento. Contava, como o projeto diz, Clube de Alunos que fosse algo ligado com a escola. Algo ligado aos alunos, Ou seja, atividades promovidas por nós para a restante comunidade escolar. Os objetivos eram criar uma união mais forte entre os alunos quer pelas atividades que íamos desenvolvendo para a comunidade escolar quer dentro do que era a preparação dessas atividades. No fundo eu achava que haveria no clube de Alunos um ponto de ligação com outros colegas.

2. Qual é a importância que atribui á colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?

Penso que é uma colaboração muito benéfica, pois é uma forma de nós conseguirmos aprender mais com aquilo que são as práticas profissionais dos elementos do Projeto RiAgir. Temos mais experiência na realização dos nossos projetos. Temos um plano,

temos, uma forma sistemática de organizar as ideias e ir tomando nota de tudo o que é discutido nas reuniões do clube de alunos.

3. Pode descrever-me em consiste este projeto? (Atividades desenvolvidas, objetivos, recursos, metodologias)

O clube de Alunos é uma maneira de ajudar os alunos que mais necessitam na escola. As atividades que nós promovemos têm esse objetivo que tentamos angariar o máximo de fundos possíveis, e ajuda suficiente para os que mais necessitam. Sendo que o método é: caso um aluno precise de ajuda dirige-se junto dos responsáveis pelo clube de Alunos ou a coordenação a coordenação entrega-lhes uma folha com a quantia de dinheiro que necessita, o aluno leva o dinheiro e passado um mês ou dois, ou quando poder devolve. As atividades que desenvolvemos para a angariação desses fundos são: Uma festa de natal, uma iniciativa de pascoa, outra iniciativa de carnaval; realizamos atividades associadas a essas épocas festivas, e ao mesmo tempo que proporcione um dia diferente à comunidade escolar e que dê para ajudar o clube de alunos a angariar fundos. Na elaboração dessas atividades, reunimos e apresentamos ideias depois vamos discutindo aquelas que são mais consensuais e mais pertinentes, e por fim, partimos para as tarefas necessárias no desenvolvimento dessas iniciativas.

4. Considera que o projeto que está a ser desenvolvido está a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais?

Sim. Considero que sim. Em termos profissionais ajuda bastante a conseguir organizar melhor as coisas, conseguir organizar melhor as ideias, a ter a noção de por um lado as ideias que são possíveis de realizar e por outro lado as ideias que não são concretizáveis, mas que podem vir a ser possíveis de realizar. Em termos sociais também ajuda. Em termos pessoais e interpessoais também ajuda bastante. Ajuda-nos a tornarmo-nos pessoas com uma mente mais aberta. Ajuda-nos a criar limites e a definir melhor as nossas ideias de uma forma que seja possível situa-las em termos de prazos de concretização. O clube de Alunos com as atividades e tarefas realizadas permite-nos também mudar algumas limitações que tínhamos e a converte-las em forças. Como temos que interagir uns com os outros isso implica que todos deem a sua ideia. Por um lado ajuda-nos na questão de comunicarmos a ideia. Por outro lado, ajuda-nos porque implica que haja respeito mutuo e que ninguém julgue o colega pela sua ideia. Temos que aceitar a opinião dos colegas e também é uma maneira de nos ajudarmos uns aos outros a melhorar as nossas capacidades. Temos que ouvir o outro para conseguirmos entender o que está bem e o que está mal.

- 5 Que contributo considera estar a receber com este projeto para a sua futura integração no mercado de trabalho?

É um contributo positivo. Pois ajuda-nos a crescer ajuda-nos a perceber aquilo que a nossa sociedade passa. Ajuda-os a criar laços mais fortes com as pessoas a entender um pouco as situações de algumas pessoas, tornando-nos um bocadinho mais sensíveis aos

outros. Sensibiliza-nos mais a tomarmos atenção à pessoa que está ao nosso lado. Pessoas que nos rodeiam diariamente. Considero também que a nível profissional vai ser muito útil a aprendizagem que estou a desenvolver aqui. Por exemplo a forma de entrar em contacto com outras entidades, a forma de me dirigir a públicos distintos. A forma de elaborar um cartaz, e os elementos que devem constar na divulgação de uma iniciativa, Os passos necessários na organização de um evento. Tudo isso são aprendizagens que nos permitem no futuro desenvolver melhor as tarefas associadas ao emprego. Também nos permite desenvolver uma maior perceção das nossas capacidades. O que nos ajuda a ser autónomos e a tomar a iniciativa, quando vemos que é preciso de fazer algo não temos que estar sempre à espera que nos digam o que e como o fazer.

6. No seu entender porque é que é importante que a escola que frequenta promova iniciativas que ajudem os jovens a desenvolver estas competências?

Sim. Eu acho que é muito importante, deveras. No meu entender isso é muito importante. Eu acho que outras escolas deveriam promover projetos como o do clube de alunos. Eu acho que a escola poderia ter um contributo mais direto na organização logística e cronográfica deste projeto. Entendo que poderia haver um período de tempo dentro do horário escolar reservado a este fim, que não coincidissem com o final do dia. Ou seja, no final do almoço termos cerca de uma hora e meia para as reuniões e atividades preparativas das iniciativas do clube de alunos. Uma outra ajuda que a escola poderia dar era uma oficina de competências uteis para projetos e iniciativas deste tipo. Existem diversas competências que devem ser reunidas na persecução de projetos e iniciativas de cariz solidário e mesmo de cariz empresarial. Seria uma mais-valia uma disciplina constituída por módulos como onde fosse promovida uma postura de autoconfiança, pro-atividade, estratégia, informática aplicada ao marketing, publicidade e à gestão, negociação de parcerias. Redação de ofícios, treino de abordagem telefónica, presencial. Há um sem número de conhecimentos em diversas áreas que seriam muito valiosas em projetos tanto de cariz social como para os de cariz profissional. Independentemente disso deveria sempre continuar como extra curricular o projeto clube de alunos. Por um lado esta formação mais sistemática poderia dar-nos uma outra sensibilidade e mais segurança naquilo que são os modos mais adequados de fazer as coisas dependendo de cada contexto. Permitia-nos conseguir comunicar mais com as pessoas e com as associações, com hotéis e ter a coragem de falar com qualquer instância, das mais altas às mais baixas instancias das instituições. Além disso o cultivo e capacitação para uma atitude empreendedora seriam uteis também ao nível da nossa área de formação que é o turismo, que também tem uma grande componente de negociação, marketing e comunicação. No nosso caso seria uma mais-valia nos dois sentidos.

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num projeto deste tipo? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.

Para mim uma das competências mais importantes a desenvolver neste tipo de projetos é: ter a coragem de falar, comunicar, desenvolver a capacidade de definir objetivos e estratégias para não chegar a meio e deixar cair por terra os projetos, mesmo que pareça impossível. Considero que tem um impacto significativo na minha vida ao nível pessoal porque consigo interagir com diversos tipos de pessoas com maneiras de ser e personalidades distintas. Também ao nível profissional porque considero que serei uma melhor profissional nesta área se souber expor as minhas ideias, se souber como me dirigir às pessoas.

2. Quais são as competências que considera que já possuía antes deste projeto e quais aquelas que espera vir a desenvolver ao longo deste projeto?

Fazendo um balanço, antes de entrar no clube de alunos, eu já tinha aquele espírito de ajudar os outros, também ando nos escuteiros e isso ajuda-me bastante. Depois que entrei esperava tornar-me uma pessoa mais aberta e conseguir compreender as situações que ocorrerem, conseguir perder um pouco a timidez, a vergonha de me dirigir a alguém para falar, perguntar fazer aquilo que é necessário e creio que consegui alcançar estes objetivos. Consigo falar mais sem ser preciso que me peçam e creio que o espírito de entreajuda se manteve e acho que ainda cresceu mais.

3. Até que ponto este projeto se adequa às suas expectativas e necessidades de aprendizagem?

Bastante. Ao nível profissional e social sem dúvida que este projeto se adequa às minhas necessidades de aprendizagem. Daqui a um ano, quando terminar o curso e consequentemente terminar o meu percurso no clube de alunos espero estar a trabalhar e dentro daquilo que são os processos inerentes às tarefas desenvolvidas em contexto profissional espero chegar à conclusão de que estas aprendizagens recebidas ao longo desta participação no clube de alunos, afinal é bem mais útil do que aquilo que se esperava.

Para mim talvez a capacidade de comunicar com as diversas instâncias superiores e saber como fazer-lo é aquilo que eu identifico como a maior competência que estou a adquirir no clube de alunos para o futuro profissional.

Percebe alguma lacuna neste projeto que ultrapassada permitisse o projeto funcionar melhor?

Como é um grupo que faz muito bem à escola parece-me que devia haver mais alunos envolvidos, pois o número de pessoas envolvidas no clube de alunos é muito pequeno. Poucas são as pessoas que se comprometem com a causa do clube de alunos.

No início até são bastantes elementos que participam mas chega a meio do ano e muita gente desiste.

Em termos de horário de reuniões tentamos sempre articular com os horários das turmas, e as disponibilidades para conseguirmos ter todos ao mesmo tempo. Penso que o tempo dedicado para as reuniões está bom. Uma boa maneira de cativar mais alunos a participar ativamente integrando o clube de alunos era a escola ajustar os horários para que as reuniões não fossem no fim do dia quando os colegas têm transportes para apanhar e estão mais cansados. Dessa forma os alunos não dispersavam nem estavam nas reuniões com a pressa de ir para os transportes de regresso a casa. Se por exemplo numa houvesse uma hora e meia no fim do almoço, os alunos estavam na escola e sabendo que tinham aulas a seguir não estariam tão preocupados em sair mais cedo. No fundo era a escola a prever um horário em que os colegas de forma facultativa pudessem estar dedicados às atividades desenvolvidas no clube de alunos. Acho que as reuniões iriam deixar de se resumir a discutir as ideias à pressa, para se tornar um momento em que depois de se tomarem as decisões, fosse possível ainda fazer algumas tarefas em tempo útil e em grupo. Muitos assuntos passariam a ser diretamente tratados naquele horário, em vez de se levar as tarefas para fora desse horário, porque isso dispersa e às vezes chegamos à reunião seguinte sem os resultados pretendidos. Acho verdadeiramente que seria uma mais-valia. Mas para isso era preciso que a própria escola estivesse interessada em criar esse tempo “entre aulas”.

5. Seria possível melhorar este alguns aspetos em futuros projetos? em termos de duração, estrutura, metodologias ...

Eu peso que fora a questão do *timing* em que as reuniões são desenvolvidas, o resto está bem, mesmo em termos de espaço julgo ser o adequado.

Penso que seria sempre possível fazer melhorias no projeto em outros anos e em outras iniciativas. Sobretudo pode melhorar mais em termo de empenho porque há algumas ideias que nós tínhamos e temos podiam ser realizadas, e não foram por falta de empenho.

Penso que também poderia melhorar mais ao nível da orientação de um adulto responsável como um professor, que quando fosse tomada uma decisão, estivesse sempre em cima do acontecimento e não permitisse que as coisas dispersassem. Que “forçasse um pouco” que disciplinasse mais o grupo nos *timings* da realização das tarefas. Se tivéssemos alguém que nos puxasse mais, que nos cativasse mais, que fosse mais firme, e exigente, na realização dos projetos, alguém que nos responsabilizasse mais acho que seríamos mais eficientes no cumprimento dos objetivos e dos prazos. Se

houvesse esse forcing por parte de um adulto se calhar os colegas levavam mais a sério as coisas que o grupo tem que fazer.

6. Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo do projeto encararia a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Porquê?

Sim sem dúvida que encaro essa possibilidade. Se eu conseguisse gostaria de estar à frente de um projeto de cariz social. Eu gosto dessa área do trabalho desenvolvido em prol da melhoria das condições das pessoas da comunidade que vivem em condições mais difíceis.

A nível profissional considero que as aprendizagens e as dinâmicas desenvolvidas no clube de alunos me levam a ter interesse por vir a ter uma atitude mais pró-ativa nas tarefas que vou desempenhar na minha vida profissional por conta de outrem e não ponho de parte a possibilidade de vir a criar o meu próprio negócio se tiver as condições necessárias. Para isso também tenho algum tempo pela frente para ter ideias e amadurecer aquela que achar que vale a pena. Mas se tomar essa decisão irei trabalhar para alcançar esse objetivo. Estas aprendizagens que tenho desenvolvido neste grupo têm-me dado coragem para encarar essa possibilidade.

7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar estas dificuldades?

Primeiramente a autorização para um negócio ou um projeto era algo que considero poder vir a ser uma dificuldade. A questão da competitividade. Teria que recorrer a algumas estratégias para superar estas dificuldades. Tentaria estudar ao máximo o que este tipo de atividades que estas empresas fazem de forma a poder fazer algo inovador que me distinguisse e me tornasse competitiva. Mas reconheço que teria que pensar um projeto que não fosse tão explorado. Só iria apostar em algo que percebesse ser necessário. Primeiramente iria estar atenta às necessidades da população a quem me iria dirigir. Nunca iria fazer algo que não considerasse uma necessidade.

Mas por agora não consigo imaginar as dificuldades possíveis de surgir. Só tendo o projeto eu poderia ver as dificuldades.

8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

A capacidade de falar e a iniciativa para desenvolver ações para ajudar a melhorar as coisas.

9. Dados caracterização do entrevistado

(Nome e idade não relevados por questão de confidencialidade)

Nacionalidade: Portuguesa

Habilitações Literárias: 9º Ano (a frequentar o 11º ano)

Curso a frequentar Técnico de Turismo

Duração do curso: 3 anos

Muito obrigado pela sua colaboração!

Entrevista para Alunos EFTA (E3)

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência das ações de Empreendedorismo: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações que estão por de traz da sua participação neste projeto do clube de alunos?

Os objetivos que estão por trás na minha participação no Clube de Alunos são: Ajudar pessoas que tem problemas a nível monetário, para ajudar as pessoas com mais problemas na minha escola, e eu também tenho andado envolvido noutros projetos de solidariedade e então resolvi integrar o projeto de Clube de Alunos para ajudar, porque reconheço que sou uma pessoa muito solidária pois gosto sempre de ajudar o próximo independentemente das dificuldades.

2. Qual é a importância que atribui á colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?

Eu acho que é importante o clube de Alunos manter parcerias com outras entidades de solidariedade porque assim vamos trocando ideias, e ao organizarmos projetos em parceria com o Projeto RiAgir acho importante porque as escolas e associações tem um papel importante na nossa sociedade, e não só na nossa sociedade escolar mas também na sociedade em geral.

Acho que o projeto RiAgir está a ser uma grande mais-valia porque o projeto RiAgir é um projeto social que também atua ao nível da solidariedade, na ajuda ao próximo e acho que pode ser útil a dar ideias. No fundo o Projeto RiAgir está a ajudar a vermos novas formas de fazer as coisas, como realizar um projeto de solidariedade, como ajudar o próximo, e ações deste género.

3. Pode descrever-me em consiste este projeto? (Atividades desenvolvidas, objetivos, recursos, metodologias)

O projeto do Clube de Alunos surgiu porque avia pessoas com carências, pessoas que não conseguiam pagar as senhas ou havia pessoas que não conseguiam ir para certos locais de estágio por falta de recursos económicos e então este clube de Alunos surgiu para ajudar as pessoas que hoje não podem, mas se daqui por uns tempos já poderem, devolvem a ajuda que receberam, que vai servir para outros colegas. Por exemplo: eu não tenho possibilidades para pagar as senhas durante uma altura mas pronto, eu quero as senhas e se me poderem emprestar O termo emprestar é o que melhor define a filosofia das nossas ajudas. O Clube de Alunos preocupa-se em ajudar os outros mais carenciados e emprestar. Acho que é isso. Como é o meu primeiro ano nesta escola também ainda estou a ver como é que o projeto funciona. Para a angariação de fundos são desenvolvidas várias iniciativas. Por exemplo, agora os alunos do 3^{ao} ano estão a desenvolver uma atividade de pascoa em que os alunos de todas as turmas que quiserem aderir, deverão fazer um ovo, pintado, e dar vinte cêntimos para participar. Quem quiser dar mais alguma ajuda pode faze-lo e no fim é eleito o ovo mais bonito. Mas também realizámos um baile de mascaras e uma festa de Halloween, o dia d mulher e estas atividades revertem sempre para ajudar neste tipo de carências ou com senhas, ou com comida. Na execução de uma iniciativa, existem viárias etapas no seu processo de execução. Primeiramente temos que reunir para partilhar as ideias para pensar em formas de por a ideia em prática. Para isso funcionar temos que reunir, num dia específico com uma certa periodicidade, para podermos trabalhar as ideias, coloca-las em prática e para fazer a divulgação.

Em termos de adesão às iniciativas na escola cerca de metade adere e a outra metade não adere, porque não tem tanto aquela vertente de solidariedade mas há outras que até tem e que aderem. Tipo, aquilo que eu vejo no meu primeiro ano é muita gente a aderir mas também não é pouca gente que adere. É um meio-termo.

4. Considera que o projeto que está a ser desenvolvido está a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais?

Sim. Considero. Acho que é uma boa coisa foi uma boa ideia terem criado este projeto do clube de Alunos em parceria com outras entidades porque acho que as pessoas para além de serem bons profissionais também tem que ser boas pessoas. Acho que se não formos boas pessoas não há profissionalismo que valha. Fica sempre aquela falha. Muitas vezes eu posso ter uma certa dificuldade e o colega ter outra dificuldade e quem sabe se não nos podemos ajudar um ao outro. Por exemplo eu digo: tens que fazer assim ou daquela maneira. E Ele diz-me que tenho que fazer desta maneira ou daquela maneira. Acho que as pessoas têm que ser bons profissionais mas acima disso tem que ser boas pessoas. À parte do facto de se ser boa pessoa e querer ajudar o outro, que é o fim principal deste projeto, pessoalmente, ao nível da minha atitude e da minha forma de fazer as coisas e no que respeita a minha autoestima, este trabalho em grupo que desenvolvemos no clube de alunos, tem sido muito importante. De certa forma a colaboração mútua permite-nos aprender a fazer as coisas de uma forma quase natural. Quase que vamos interiorizando estas praticas e atitudes de forma espontânea em interação uns com os outros. Além disso, este percurso permite-me perceber aquilo de que sou capaz/ aquilo que valho. As dinâmicas desenvolvidas nas atividades do clube de aluno ajuda-me enquanto pessoa. Consigo perceber capacidades que desconhecia. Porque o ser humano por vezes não sabe aquilo que é capaz de fazer mas quando põem as coisas á nossa frente nos dizemos assim “oh. Pah”, eu consigo fazer isto e nem sabia que conseguia fazer. Eu acho que este ano tenho vindo a comprovar que a cada dia vejo coisas que pensava ser incapaz e agora vendo bem até consigo. Também ajuda a experiência quer os mais velhos tem e que acabam por ao fazer alguma coisa, nos mostrar como se faz. E de repente aprende-se mais uma ferramenta útil, sem ser algo imposto ou forçado. Quase na brincadeira. Aos poucos vamos reunindo um conjunto de aprendizagens que são ferramentas valiosas. Ao fim de algum tempo começo a ver que até já sou capaz de organizar uma iniciativa. Por exemplo com aquilo que fui aprendendo este ano já era capaz de orientar um grupo como este nomeadamente ajudando aqueles que vão integrar o clube de alunos no próximo ano, ao entrar na escola. Consigo mais facilmente imaginar-me no próximo ano junto com outros colegas igualmente experientes, coordenar processos inerentes a algumas iniciativas. Ao longo do tempo que pertencer ao clube de alunos começo a ter noção para cada iniciativa, o tipo de recursos e parceiros que poderemos mobilizar. Por exemplo é preciso encontrar um local adequado para um concerto de beneficência, há que contactar bares se a ideia for faze-lo num bar, é preciso falar com as bandas que se pretende que atuem no referido evento...E uma pessoa começa a perceber um conjunto de passos do processo que uma iniciativa implica. Começa-se a ter a noção de um conjunto determinado de passos que são necessários e começa a perceber que até já consegues movimentar-te nesse processo.

5 Que contributo considera estar a receber com este projeto para a sua futura integração no mercado de trabalho?

Este projeto está a ajudar muito e reconheço que isso me está a dar mais-valias. Por exemplo nem toda a gente tem competência para comunicar, para tomar a iniciativa de contactar com esta ou aquela entidade saber como o fazer de forma assertiva, muitas vezes vencendo a timidez em falar com pessoas desconhecidas ou com instancias Há situações que requerem algum tato que só podemos ter com alguma experiencia. Se eu estiver a trabalhar num hotel as coisas não podem ser pensadas nem feitas sem mais nem menos, de acordo com o objetivo há que contactar as devidas entidades para em colaboração, seja possível realizar o objetivo. Por vezes há iniciativas que para se poderem realizar, requerem a colaboração de outras pessoas. Nesse sentido há que saber quem e como contactar.

6. No seu entender porque é que é importante que a escola que frequenta promova iniciativas que ajudem os jovens a desenvolver estas competências?

Acho que é muito importante que esta escola promova iniciativas como estas. Esta escola e as outras também. Praticas como as desenvolvidas no clube de alunos deveriam abranger outras escolas. No meu entender a própria escola já deve ter esta estrutura de promoção de competências de forma facultativa, mas também integrada no pleno curricular. Todas as escolas deveriam ter uma estrutura de ajuda como este clube porque eu considero que se desde cedo começarmos a ter o valor de ajudar e com isso desenvolvermos um maior espirito de iniciativa, como numa atitude de “dizer” vamos fazer isto, vamos levar aquilo para a frente, se desde cedo isso começar a ser cultivado nos jovens eles serão melhores pessoas mais preparadas. Por exemplo, eu na minha antiga escola não tinha esta estrutura solidificada mas havia sempre uma professora que puxava por nós estimulando-nos a fazermos algo para melhorar o que está á nossa volta. Desde que eu entrei nessa escola, pois até ao nono ano a professora apresentava-nos esta ou aquela atividade para fazer e ensinava-nos como fazer. Devemos ser sempre incentivados a fazer um pouco mais para melhorar aquilo que nos rodeia.

Considero que deveria haver mesmo uma disciplina que integrasse o plano curricular onde nós fossemos preparados para várias situações que requerem alguns conhecimentos. Por exemplo imagine que eu queria promover uma *color run* na cidade de Aveiro eu ia precisar de algumas competências para organizar um evento deste tipo. Não digo que uma disciplina deste tipo fosse dada logo no 5º ao 9º ano. Mas do 10º até ao 12º ano. Essa disciplina deveria ser mais orientada por uma perspetiva profissional, que dotasse o aluno de práticas uteis. Por exemplo para elaborar um cartaz, se eu tivesse a ajuda de um professor ou de uma pessoa que soubesse era bem melhor. Às vezes há certos programas que se não sei trabalhar com eles tenho que ir à descoberta. Um número significativo de lacunas poderia ser suprido, pelos conteúdos de uma disciplina. Por exemplo uma parte mais de informática para aprender a trabalhar com alguns programas de desenho de fazer cartazes, logotipos. Por exemplo o publisher e tive que andar à descoberta para conseguir fazer alguma coisa. Uma disciplina que nos dotasse de competências ao nível da atitude, ao nível das metodologias práticas para se levar a cabo um projeto e conteúdos enquanto ferramentas de trabalho.

Uma disciplina **integrada** no plano curricular mas poderia continuar a desenvolver-se projetos como o do clube de alunos de uma forma facultativa. Porque é nessa modalidade facultativa que se pode identificar uma verdadeira atitude de iniciativa, de solidariedade e cooperação. (E3)

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num projeto deste tipo? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.

Acho que projetos como estes assumem uma importância crescente no desenvolvimento de capacidades ao nível interpessoal e social, pois é necessário ligar connosco e com os outros. Nesse processo é importante ter a consciência que temos feitos diferentes e que cada um tem as suas especificidades. As competências aqui desenvolvidas ajudam-me a nível pessoal, sobretudo no que respeita os meus objetivos pessoais A acreditar nas minhas capacidades de concretização de objetivos. Este projeto serve-nos também para nos ensinar a discernir até que ponto é que é viável ou não a execução de um projeto. Permite-nos avaliar /ponderar até que ponto vou poder fazer isto com esta pessoa com estas características. Considero que a nível profissional isto também constitui uma mais-valia. Por exemplo se eu não conheço as pessoas não me sinto à vontade para abordar. E o clube de alunos ajuda-me a exprimir-me e a libertar-me do medo de ser exposto ao ridículo mediante alguma das minhas ideias expostas.

2. Quais são as competências que considera que já possuía antes deste projeto e quais aquelas que espera vir a desenvolver ao longo deste projeto?

As competências que eu tinha era a competência de ser solidário. Eu já sabia que tinha esta competência porque a minha mãe e a minha família sempre me induziram a ser solidário e a estar atento às necessidades dos outros. Neste momento eu não tenho aquela coisa de “vamos fazer” porque tenho sempre algum receio de dar a cara por uma causa e de falhar. Não me sair bem. Uma preocupação que eu tenho muito é falhar. Mas acredito que aos poucos se eu continuar a trabalhar neste grupo eu penso que com o tempo e a experiência vou conseguir ganhar mais confiança e um dia destes conseguir sentir maior segurança em tomar mais a iniciativa. Nisso considero que o clube de Alunos está a ser um grande contributo. Este aspeto era algo que eu esperava que o projeto clube de Alunos me viesse a ajudar. Por exemplo ao nível das ideias que eu vou tendo acho que é uma boa ajuda estar no clube de Alunos, porque nos conhecemos esta associação ou aquela pessoa chave. Acho que na troca de ideias é sempre uma mais-vaia há sempre um contributo que alguém pode dar. Uma outra característica que se desenvolve no clube de alunos é deixar fluir as ideias. No meu caso eu sempre fui capaz de exprimir uma ideia depois de bem ponderada. Se depois de ponderar considerasse que a ideia era pertinente então comunicava-a. Embora por vezes as ideias que parecem

despropositadas possam dar grandes projetos. Tenho essa experiencia no clube de alunos.

3. Até que ponto este projeto se adequa às suas expectativas e necessidades de aprendizagem?

Considero que este projeto é um bom projeto e adequa-se a mim porque me sinto completamente identificado com a missão e objetivos deste projeto.

Percebe alguma lacuna neste projeto que ultrapassada permitisse o projeto funcionar melhor?

Aquilo que eu acho uma limitação é que o clube de alunos tem alguns elementos que dizem que assumem a participação nas iniciativas e depois não cumprem. As pessoas aparecem nas reuniões do Clube de Alunos e participam em representação da turma mas chegam a meio do ano e falham, não aparecem é o único problema que identifico. Porque o clube de Alunos é uma boa iniciativa só que o problema é que há pessoas que dizem que vão assumir participar nas atividades, o grupo compromete-se com iniciativas e depois os que ficam e trabalham até ao fim tem dificuldade em levar as atividades a cabo, como previsto. No meu entender o sentido de compromisso de alguns colegas deixa a desejar. De resto acho que está tudo a funcionar bem.

5. Seria possível melhorar estes alguns aspetos em futuros projetos? Em termos de duração, estrutura, metodologias ...

Sim. Eu acho que isto já tinha quer depender das pessoas. Porque é assim, se, se assume uma coisa, imaginemos que em determinado dia não posso mesmo estar presente na reunião por algum motivo, posso sempre tentar saber o que é que se passou na reunião, para ficar a par das atividades e das tarefas. As pessoas podiam ter uma palavra: “eu não pude aparecer mas quero saber o que se passou. Há alguma coisa que eu possa fazer até a próxima reunião?” Porque às vezes as pessoas têm os tais compromissos mas devem tentar saber para ficar dentro do que está a ser feito. No fundo a pessoa não devia precisar que andassem atrás dela. A pessoa deveria comprometer-se e sentir-se responsável pelo grupo. Deveria haver um sentido de compromisso com a missão. Em termos de tempo dedicado ao clube de alunos como é uma atividade extracurricular, não se pode esperar mais do que aquela hora entre as 17 e as 18 horas. No fundo eu acho que era bom se houvesse um período de tempo maior para estas reuniões, mas é complicado. Considero é que se a escola reservasse um tempo próprio para os alunos terem as atividades extracurriculares sem ter que ser necessariamente ao fim do dia, as pessoas não teriam tanta pressa para ir embora. Que eu considero que faz com que as reuniões sejam menos produtivas. Se o tempo fosse num intervalo entre aulas que fosse de cerca de uma hora e meia, as pessoas sabiam que tinham aulas a seguir por isso estariam mais dedicadas e sem pressa para ir embora.

6. Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo do projeto encararia a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Porquê?

É assim, participar até me vejo a participar agora a criar, poderei fazê-lo no futuro. Está dentro dos meus planos poder desenvolver um projeto criado por mim, no futuro, quando já tiver todas as competências reunidas. Quando terminar o curso quem sabe. Se eu terminasse o curso neste momento e me sentisse que tinha as capacidades e com todos os conhecimentos e habilitações para avançar com esses projetos aí eu avançava. Encaro essa possibilidade tanto a nível profissional como a nível social. O clube de alunos tem-me ajudado muito nesse ponto. Fazendo com que eu acredite mais nas minhas capacidades e na possibilidade de um dia vir a desenvolver projetos de solidariedade e mesmo pensar na possibilidade de criar o meu próprio emprego.

7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais depois de terminar a sua formação profissional? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar estas dificuldades?

Há tantas dificuldades que podem surgir... Por exemplo, as parcerias. Acho que nem sempre as entidades estão dispostas a colaborar com as iniciativas. Por exemplo na disponibilização de espaços, não é fácil. Penso que a questão de conseguir um espaço poderá ser uma dificuldade. Supondo que eu preciso de ter um gabinete seja no âmbito de um projeto social seja um serviço criado a nível empresarial. Ter um espaço é muito importante e é um dos encargos maiores que se pode ter e pode ser difícil inicialmente arranjar um espaço. Nem sempre aparece o espaço ideal ao preço ideal. Nem sempre as pessoas estão dispostas a dar as indicações mais corretas. Existem certas pessoas e situações que nos colocam entraves que nos impedem de concluir um projeto.

Acho que as pessoas deviam ser mais abertas e não colocar tantos entraves. Não deviam ser tão exploradoras na hora de se arrendar um espaço.

Vêem-se tantos espaços em centros comerciais pouco frequentados ou em ruas, tantas lojas fechadas durante anos e ninguém as arrenda e o proprietário em vez de baixar os preços e ter a manutenção assegurada, não. Preferem não ganhar nada e ter o espaço a deteriorar-se.

Uma boa estratégia era os municípios promoverem a ocupação destes espaços a custos reduzidos e dessa forma dinamizar a economia local.

8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Não. Acho que foi uma boa entrevista.

9. Dados caracterização do entrevistado

(Nome e idade não relevados por questão de confidencialidade)

Nacionalidade: Portuguesa

Habilitações Literárias: 9º Ano

Curso a frequentar: Técnico de Turismo

Duração do curso: 3 anos

Muito obrigado pela sua colaboração!

Entrevista a elementos do Grupo Artes De coração

(Pessoas desempregadas) (E4)

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência da atividade Empreendedora: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações que estão por de traz da sua participação no grupo Artes de Coração?

Os objetivos são dinamizar a freguesia junto da população, também dando o mais apoio possível aos idosos, juntar as pessoas que estão desempregadas e talvez até conseguir tirar o partido dos nossos saberes. Enquanto umas sabem arraiolos, outras sabem macramé, renda... e participando entre todas ensinando umas às outras, talvez até conseguirmos começar a vender as nossas coisas. Fazer um pouco de artesanato, as coisas à mão além de doces, tudo um pouco, por um lado para ganhar fundos e por outro lado, trabalhar muito com os idosos também. Para mim essa vertente dos idosos é especial, porque sempre fui criada com pessoas idosas e tenho-lhes um carinho e afeição muito grande e para mim é um bocado complicado processar certas situações que se

passam como encontra-los mortos porque não tem ninguém, não tem apoio e assim nós, preocupadas com as pessoas idosas da nossa comunidade queremos começar a bater à porta e ver se está tudo bem e trazer-los e fazer iniciativas como a festa de natal, páscoa e não só. Há que tira-los de casa e dar um passeio, fazer uns jogos. É essa a minha opinião.

A nível pessoal o meu impulso foi sair de casa. Eu estava em casa sem fazer nada e vim ter com a Assistente social do Centro Social e Paroquial de Nossa senhora de Fátima, porque para mim estar em casa sem fazer nada é um quebra cabeças. Para mim é muito complicado, não consigo estar só e isso faz com que eu queira estar ocupada. Como queria estar ocupada vim falar com a Dra. Vânia que me falou do Projeto RiAgir e eu aceitei na hora porque é uma mais-valia porque promoveu um encontro entre as pessoas que estão desempregadas como eu. E desta forma começamos a encontrar-nos todas a aprender, conviver. Estes encontros semanais além de terem a finalidade de ajudarmos os outros, também nos ajuda a nós, que mudamos as nossas vidas, porque há dias que sinceramente me sinto desmotivada, até para vir. Mas depois penso: “vamos embora, vamos à luta, não tens que ficar aqui fechada” Depois de cá estar é tudo ótimo é tudo bom e já nem dá vontade de voltar para casa. Não. É bom. É bom, asserio.

2. Qual é a importância que atribui à colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?

Muita. Acho que se não fosse o projeto RiAgir, além da Dr.^a Vânia, que não vou excluir, mas a Dr.^a Vâ... está muito limitada e se não fosse O Projeto RiAgir, a Dr.^a C..., o Dr. Hél..., o Dr. S.... e os outros Técnicos, sem querer descurar de ninguém, nós não tínhamos conseguido chegar onde chegamos até agora, porque vocês tem sido a peça fundamental do quebra-cabeças. O nosso puzzle está com vocês, portanto além de nós sermos o grupo, a peça fundamental são vocês. O apoio que vocês nos têm dado porque sem ter um alicerce onde nos agarrarmos não podíamos ir a lugar nenhum, não só em termos financeiros mas também em opiniões, em tudo a maneira de encarar que nos não temos essa perspectiva, aquele empurrão que nos faz arrancar. Porque se estamos a medo, embora com vontade vocês encorajam-nos a avançar. A vossa forma de organizar, ensina-nos e tem-nos feito crescer de semana a semana enquanto grupo e enquanto pessoas e isso esta a ver-se no trabalho que se está a desenvolver. Eu, infelizmente, estive as últimas duas semanas sem poder comparecer. Por um lado eu gostava muito de ter conseguido o meu objetivo que era ter ficado contratada, onde fui experimentar, mas a semana passada quando me disseram que não ia ficar a trabalhar, pedi logo para voltar para o grupo, porque não me vejo em casa sem fazer nada. Asserio! Isto está um bocado difícil mas vai passar.

3. Pode descrever-me em que consiste este grupo? (Vertentes, atividades desenvolvidas, finalidades)

Agora, lá está, estamos a aprender umas com as outras e depois daí para a frente, realmente podermos começar a trabalhar e a ter coisas feitas e tentar vender essas coisas,

para daí sair um rendimento. Considero que num futuro próximo, pelo menos a medio prazo, o grupo deverá contactar empresas, que estejam interessadas em comercializar os nossos produtos, de forma a termos clientes certos, e podermos produzir os nossos produtos com um número médio. E de tempo a tempo mês-a-mês ou de dois em dois meses, sabíamos que tínhamos empresas para onde escoar as coisas produzidas por nós. E podermos ter um rendimento medio fixo. Até como se fosse-mos um armazém, que tem um ceto *stock* de produtos e à medida que se vai escoando vamos produzindo mais. Sei lá meia dúzia de tapetes de arraiolos, meia dúzia de Almofadas de arraiolos, meia dúzia de bonecos de trapos, ou meia dúzia de peças decorativas em patchwork embutido, alguns bordados, alguns frascos de doces caseiros, entre outros produtos em *stock*. À medida que se ia vendendo ia renovando o *stock*. Além disso, ir introduzindo coisas novas. Porque com o se costuma dizer, “aprender até morrer”. Nós morremos e não se aprendeu tudo e por isso podemos sempre fazer coisas novas uns com os outros, ter sempre outras ideias, para não cansar, e ter diversidade.

4. Considera que as atividades que são desenvolvidas neste grupo estão a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais?

Sim. Porque como estás a ver, está a dar fruto. Como eu disse há pouco, eu estive estas duas semanas sem vir mas eu não estando, as colegas continuam. Comos e costuma dizer, “ não é por morrer uma andorinha, que acaba a primavera”. Normalmente era eu que fazia os doces. Mas as colegas aprenderam e na minha ausência desenrascaram-se e fizeram os doces que era preciso para as atividades exposições em que o grupo participou na minha ausência. No Natal fui eu que fiz o doce, mas agora fizeram as colegas e graças a Deus, saiu muito bem e já venderam bastante. Começa a notar-se alguma autonomia nos elementos do grupo. Começamos a reconhecer mais as nossas capacidades e a avançar sem medo, mesmo quando esta ou aquela que tem mais experiencia, não pode assumir as tarefas. Ou seja, não ficamos à espera umas das outras para fazer as coisas. Se a pessoa não está porque não pode, avançamos nós.

5. Que contributo considera estar a receber neste grupo para uma futura atividade profissional?

É um bocado difícil porque o mercado está a rebentar pelas costuras. Mas com as formações de geriatria, eu estou muito esperançada de no final de tirar o curso, embora este ano seja impossível concluir os vários módulos, que vamos ter só até junho, acho que não vão alargar mais é um bocado difícil mas nada é impossível e eu gostava muito de ir trabalhar para um lar com os conhecimentos que estou agora aqui a adquirir. Mesmo as aprendizagens dos nossos *ateliers* a experiência desenvolvida no voluntariado e estas formações seriam contributos para o nosso desenvolvimento e para estarmos capazes de ocupar um porto de trabalho. Sem dúvida. Mas vejo a possibilidade de podermos todas juntas formar uma cooperativa como forma de pelo menos realizar mais algum rendimento.

Infelizmente tenho um pouco de receio de me meter num negócio sozinha porque, há uns meses atrás, saí de um negócio que correu mal e eu fiquei numa situação um bocado complicada. Se eu já tinha problemas agora ainda tenho mais. A nível financeiro. Mas independentemente disso se fossemos todas unidas era capaz de ir para a frente. Mas é preciso estudar bem a possibilidade porque podemos chegar a um ponto em que perante os obstáculos começemos a dispersar e aí é um bocado complicado. Mas acredito que dando pequenos passos isso se possa converter numa fonte de rendimento para a sustentabilidade do grupo e para tirarmos algum dinheiro para nós.

6. No seu entender porque é que é importante que instituições locais como o Centro social e Paroquial de N S Fátima promova iniciativas que ajudem as pessoas desempregadas desenvolver estas competências?

Alem de ocupar as pessoas desempregadas, é uma mais-valia, porque vamos integrando as formações e as atividades em que vamos adquirindo saber e probabilidades para integrar o mercado de trabalho. Embora na nossa idade, não é que me considere velha, mas na hora de contratar preferem as mais jovens. É mais difícil contratar alguém depois dos quarenta, muito mais depois dos cinquenta. Alem disso até os mais jovens estão a ter dificuldades e entrar no mercado de trabalho. Mas nada é impossível. E pelo menos sabemos que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, que possuímos todas as competências e se não quiserem o nosso serviço ficam a perder mas em termo da nossa auto estima e do reconhecimento da nossa dignificação é muito importante esta dinâmica que se gerou em torno deste grupo. Depois isto é uma maneira de nos tirar de casa. A gente sabe bem que uma casa já dá muito que fazer, mas não é por isso que eu deixo de vir porque a vida ganhou outra cor. Tanto rio como choro, como contamos anedotas. O convívio é muito bom.

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num grupo como este? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.

O saber fazer e o saber ser. A forma de estar na vida e em sociedade. Saber comunicar e uma coisa que é importante se tiver um problema não o consigo esconder mas não é por isso que trato mal alguém. Quando estou bem gosto muito de brincar de ser amiga de ajudar e fazer algo útil. Nós quando ficamos muito tempo desempregadas e estamos isoladas em casa muito tempo “estupidificam” começamos a achar que não sabemos nada, que não temos competências, perdemos a coragem e a voz. A vida nem sempre é fácil e às vezes dá vontade de desistir, mas há outros dias em que me olho ao espelho e me forço a ir à luta a enfrentar as dificuldades e a encarar a vida. Digo para mim mesma. “A..... vamos embora, vamos à luta, seja o que deus quiser.” Há dia que estamos mais confiantes e outros que não. O grupo Artes de coração ajuda-me a ver a Aura que está do outro lado do espelho, corajosa, lutadora, que tem muito para ensinar e

muito para aprender e que ainda vai conseguir fazer muitas coisas uteis. Já tenho pensado muitas vezes que aqui tem um espaço grande onde era bom se, se fizesse uma área de lazer com máquina de café, onde as pessoas pudessem conviver. Temos qui uma biblioteca que está fechada, e eu gosto tanto de ler. Quantas vezes penso “ meu deus tantos livros aqui fechados e era tão bom para as pessoas ler umas tardes era tão bom chamar o pessoal para vir para aqui. Com uma máquina de café, uns sumos, umas águas e começar a dinamizar o espaço e trazer as pessoas. Depois de estar no grupo comecei a ter mais atenção e a ver os recursos que podem ser rentabilizados em prol das pessoas e comecei a conseguir ter ideias coerentes e validas para melhorar a vivência nesta freguesia.

Antes não estava a ver a imensidão de possibilidades que com vontade e empenho podem ser feitas para melhorar a nossa realidade e capacitar mais as pessoas. Antes era muito raro eu vir cá para cima. Há dois anos eu também vim aqui mas estava cá outra assistente social que não a Dr.^a Vânia que não puxava as pessoas e não dava o apoio tinha outra maneira de ser. Depois que veio a Dr.^a Vânia nós começamos a vir mais e ela puxa mais por nós, tudo o que ela está a fazer e o que ela tem feito para puxar. Foi através dela que o projeto RiAgir veio também integrar esta comunidade. Dou muito valor ao que se gerou aqui. Também a Dr.^a Vânia é uma pessoa humilde e esta maneira de ser cativou-nos e ela faz-nos sentir importantes.

2. Quais são as competências que considera que já possuía antes deste projeto e quais aquelas que esperava e espera vir a desenvolver ao longo da sua participação neste grupo?

Quero saber mais quero aprender com as minhas colegas, quero aprender a fazer outras coisas e gostava muito que o nosso grupo seguisse em frente, crescesse numa perspectiva de negócio, onde tivéssemos clientes e fizéssemos do nosso, grupo um grupo dinamizador e que fosse possível, através deste grupo, encontrarmos uma forma de sustento. No fundo que o grupo fosse um meio de trabalho.

No fundo o grupo constituísse um motor de desenvolvimento da nossa freguesia e de uma atividade profissional. Mesmo através deste grupo juntamente com as competências pudéssemos ganhar credibilidade e promovesse a empregabilidade por conta de outras instituições.

3. Até que ponto as atividades desenvolvidas neste grupo se adequam às suas expectativas e necessidades de aprendizagem?

Eu achava que (não agora porque estamos mais ocupadas com os cursos e temos menos tempo) mas eu penso que de maio junho para a frente nós deveríamos ter até mais um dia de *atelier*, além do atelier de segunda-feira devíamos ter mais um dia. Porque depois as atividades com os nossos velhinhos são de quinze em quinze dias. Também nos dava uma margem maior de produção e aprendizagem. Se nós tivéssemos mais um dia isso seria uma mais-valia. Como uma aposta numa maior dimensão aos *ateliers*

desenvolvidos. Porque há muita coisa que nós paramos isto e aquilo e o tempo acaba por escassear. Fica curto. E se tivéssemos mais um dia era melhor.

4. Percebe alguma lacuna que se fosse ultrapassada permitiria que o grupo funcionasse melhor?

Como já dei a entender, a meu ver uma das lacunas é o tempo dedicado aos *ateliers* ser pouco. Porque só com a Segunda-feira, dá-nos pouco espaço. O Hélder está a ver? Eu dei os *ateliers* de arraiolos. Os quatro *ateliers* de arraiolos não foram o suficiente para as pessoas saberem tudo o que é fazer arraiolos. Porque as pessoas saíram dos *ateliers* a saber fazer o ponto corrido. Os arraiolos não são apenas o ponto corrido. Há que aprender a fazer os cantos, tem o subir, tem o descer, tem o contornar a fazer o desenho. Ninguém saiu destes *ateliers* a saber fazer. Ninguém Pode dizer que sabe fazer arraiolos. Houve uma serie de interrupções e houve muitas coisas que ficaram por saber nos arraiolos. Fazer a bainha que os arraiolos têm bainha para fazer, há muita coisa, fazer franja. Os arraiolos precisam de mais tempo de *atelier*. Se houvesse mais tempo o grupo ainda poderia funcionar melhor.

Acho que houve muitas pessoas que começaram connosco e que acabaram por desistir. Só elas é que poderão dizer o porquê mas quando nós nos metemos numa coisa destas é preciso assumir o compromisso. Elas ou porque deixaram de gostar ou porque entraram pessoas que elas não gostavam. Das primeiras pessoas muitas desistiram. O grupo agora está mais consistente com pessoas mais comprometidas, mais assíduas a vir. Era bom entrarem mais pessoas e continuarem nesta linha de trabalho, empenho e consistência para irmos para a frente.

5. Seria possível melhorar alguns aspetos numa outra fase deste grupo? Em termos de organização, duração, estrutura, metodologias ...

Sim. O aspeto dos arraiolos, numa próxima necessita de dois meses. Porque num mês vão haver mais interrupções e é preciso antever imprevistos.

6. Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo da sua participação neste grupo encararia a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais? Porquê?

Sim. Se formos todas juntas a puxar para o mesmo lado.

7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar essas dificuldades?

Em princípio, num negócio encontramos sempre algumas dificuldades, espaço financeiro. Mas o espaço não seria problema com o apoio da Dr^a Vâ... tínhamos espaço. Mas financeiro poderia ser. Mas com força de vontade e em grupo haveríamos de conseguir apoios e ganhar fundo de maneio para começar.

8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Não.

9. Dados caracterização do entrevistado

(Nome e Idade não revelados por questões de confidencialidade)

Nacionalidade: Portuguesa

Habilitações Literárias 4ª Classe.

Curso a frequentar (Módulos de Geriatria, não conferente a grau.)

Duração do curso:50 horas por módulo.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Entrevista a elementos do Grupo Artes De coração

(Pessoas desempregadas) (E6)

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência da atividade Empreendedora: razões e importância reconhecida

1. Quais os objetivos/ motivações que estão por de traz da sua participação no grupo Artes de Coração?

Os objetivos são sair de casa, estar ocupada e ajudar os outros e aprender aquilo que poder. Enquanto umas sabem arraiolos, outras sabem macramé, e entre todas ensinando umas às outras até podemos fazer coisas uteis para ajudar os nossos idosos e até para ganharmos dinheiro. Para mim o trabalho com os idosos é especial, porque sempre fui criada e gosto das pessoas idosas. Há que tira-los de casa e dar um passeio, fazer atividades diferentes, que nem nós nem eles teriam se não fosse desta forma. O grupo artes de coração tem uma dinâmica muito boa porque promove um encontro entre as pessoas que estão desempregadas como eu. Os encontros semanais além de terem a finalidade de ajudarmos os outros, também nos ajudam a nós que já estávamos encostadas para canto e assim voltamos a sentir-nos uteis.

2. Qual é a importância que atribui à colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?

O contributo do RiAgir é tudo o que nós poderíamos esperar de positivo. É graças ao projeto RiAgir que nós chegamos até aqui. Além do RiAgir, também a nossa Assistente Social. O apoio que vocês nos têm dado é uma grande base de sustentação em termos financeiros e em orientações. Inicialmente, estávamos um pouco desorientadas sem saber como fazer as coisas. Vocês ensinaram-nos e nós agora já nos desenrascamos. Mas a vossa presença é muito importante, nem que seja pela força moral que nos dão.

3. Pode descrever-me em que consiste este grupo? (Vertentes, atividades desenvolvidas, finalidades)

Em primeiro lugar o nosso objetivo era criarmos o nosso próprio negócio, termos alguém a quem começássemos a vender os nossos trabalhos para ter-mos um fundo de maneio para comprar o material necessário mas também depois também crescer e começarmos a tirar partido disso. Chegamos ao final do mês e até termos algum dinheiro extra para dividir pelos elementos do grupo.

4. Considera que as atividades que são desenvolvidas neste grupo estão a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais?

Na verdade, considero que as atividades, desenvolvidas neste grupo, tem promovido uma confluência de saberes que nós adquirimos ao longo da vida e que desvalorizávamos. Com esta partilha de saberes e ao coloca-los em pratica não só aprendemos o que as colegas tem para nos ensinar como nos sentimos uteis a ensinar o que sabemos. Aprendemos competências como partilhar e organizar as ideias, como tomar iniciativas e sermos capazes de ser empreendedoras nas mais pequenas iniciativas que desenvolvemos. Também aprendemos muito com o vosso apoio, principalmente em aspetos da organização e divulgação das nossas atividades. Criamos hábitos e métodos de trabalho que nos tornam mais autónomas sobretudo muito quando ficarmos a trabalhar sem o vosso suporte.

5. Que contributo considera estar a receber neste grupo para uma futura atividade profissional?

No meu entender, a idade da maioria de nós é um elemento contra a nossa integração no mercado de trabalho. Por um lado somos consideradas velhas para trabalhar mas também somos consideradas novas para a reforma. No entanto, o grupo Artes de coração tem promovido em todas nós o desenvolver de competências, algumas que já possuíamos mas que estavam subaproveitadas devido ao desemprego e outras que por serem mais intelectuais, não tínhamos a possibilidade de ter adquirido de outra forma.. Assim Aprendemos a organizar as tarefas do grupo e as iniciativas. Esse processo de pensar mais sobre as coisas que fazemos ou pretendemos fazer ajudou-nos e acho que isso pode ser um ponto positivo, uma vez que agora as nossas competências estão mais estruturadas, desenvolvidas e além de nós as reconhecemos, outras entidades começam a reconhecer o nosso trabalho. Isso abre muitas portas.

6. No seu entender porque é que é importante que instituições locais como o Centro social e Paroquial de N S Fátima promova iniciativas que ajudem as pessoas desempregadas desenvolver estas competências?

Eu acho que as instituições locais tem um papel muito importante ao apoiar grupos como o nosso. De certa forma estão a contribuir para que nós que estamos nas freguesias mais deslocadas, desprovidos de emprego, e de instalações culturais, possamos reaprender a viver, a capacitar-nos para aquilo que são as exigências da atualidade. Cada um de nós estaríamos isolados e a viver apenas para a nossa vida doméstica e isso é muito frustrante, porque deixamos de ter vida própria, um lugar para onde ir durante o dia, deixamos de ter um sentido para o nosso quotidiano. Com uma estrutura de apoio podemos partilhar conhecimentos e experiências, temos formações e aprendemos fazendo. Voltamos a ganhar autoestima e motivos para sentirmos orgulho porque temos algo por que gastar as nossas forças, temos uma nova razão de viver que nos pode conduzir a uma espiral de crescimento e progresso. Posto isto há mais esperanças que vendo o nosso trabalho alguém tenha interesse em contratar-nos, ou pelo menos temos uma referência para apresentar nas candidaturas a emprego. Outra possibilidade que vislumbramos com o apoio das instituições locais é a criação de uma pequena atividade que nos dê o sustento.

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num grupo como este? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.

Neste grupo destaco a importância de aprendermos a fazer muitas coisas novas e a sermos pessoas mais capazes, mais ativas mais compromissadas com os nossos objetivos e com a própria sociedade. Penso que saber comunicar é uma das coisas mais importantes que este grupo me deu, voltamos a encarar a vida e a realidade com iniciativa voltamos a ver as coisas com mais esperança. Julgo que um dos contributos deste grupo na minha vida foi ensinar-me a procurar sempre alternativas para transpor as barreiras que me impedem de ser feliz. Com este grupo voltei a acreditar em mim, a respeitar-me e a

querer alcançar mais e melhor. Hoje eu sei que posso fazer muito para melhorar a minha realidade e a da minha comunidade.

2. Quais são as competências que considera que já possuía antes deste projeto e quais aquelas que esperava e espera vir a desenvolver ao longo da sua participação neste grupo?

Uma das competências que eu já tinha era ser comunicativa. Também já sabia fazer muitas das atividades que realizamos nos *ateliers*.

Aquilo que eu esperada vir a desenvolver era a competência de tomar mais a iniciativa, acreditar mais em mim, aprender a falar com todo o tipo de instituições e pessoas, gostava muito de aprender a planificar uma atividade e de certa forma aprendi e estou a aprender a organizar uma iniciativa com idosos, uma exposição dos nossos trabalhos, aprendo a pensar estrategicamente para aproveitar ao máximo os acontecimentos e os recursos que estão à minha disposição, com as formações que estão a decorrer também aprendemos como lidar melhor com a pessoa idosa e estas duas vertentes têm-me ensinado muitas coisas e penso que pode abrir portas na área da geriatria e na área do artesanato.

3. Até que ponto as atividades desenvolvidas neste grupo se adequam às suas expectativas e necessidades de aprendizagem?

Este grupo devolveu-nos a dignidade. Esperávamos aprender umas com as outras e conseguimos muito mais que isso. Aprendemos a organizar as atividades do grupo tanto no âmbito dos *ateliers* como do voluntariado o que supera as nossas expectativas iniciais.

Quando entramos para este grupo as expectativas não passavam de aprender mais alguma coisa e ocupar um pouco o nosso tempo durante o dia, pretendíamos ajudar os idosos e com isso sentimo-nos pessoas mais realizadas, mas sem dúvida aprendemos muitas mais coisas que aquilo que imaginávamos à partida. Temos formações certificadas, aprendemos a mexer-mo-nos junto das instituições com poder na freguesia,

conhecemos Organismos que nos podem qualificar para sermos melhores candidatos a ocupar um posto de trabalho e ganhamos uma segunda família.

4. Percebe alguma lacuna que se fosse ultrapassada permitiria que o grupo funcionasse melhor?

As Lacunas que eu noto realmente situam-se no tempo e no dinheiro. Nós estamos a ir muito bem. Mas se não tivéssemos um orçamento para nós estaríamos a fazer muito mais trabalhos com outros materiais. Assim estamos muito limitados. Mo que diz respeito ao tempo só acho que era bom se pudéssemos estar mais dias em *ateliers*. Em si não é mau o que temos. Mas o grupo poderia ser ainda melhor. Você sabe porque vê, que apesar de não haver dinheiro inicialmente com um esforço nosso, do RiAgir e do CSPNSF, fomos conseguindo fazer muitas coisas. Mas se tivéssemos tido um fundo mesmo dedicado ao nosso grupo teríamos feito muito mais. Mas já estamos a conseguir vender e ter o nosso fundo de maneió pelo menos para assegurar os custos de material.

5. Seria possível melhorar alguns aspetos numa outra fase deste grupo? Em termos de organização, duração, estrutura, metodologias ...

Eu acho que devia haver mais tempo não só para a realização dos *ateliers* mas também para nos ensinarem a funcionar com um computador, pelo menos no básico, aprendermos a fazer um curriculum, um PowerPoint, um cartão-de-visita, uma página na internet para divulgarmos o nosso trabalho. Acho que deveríamos procurar parcerias que nos permitissem desenvolver um negócio para comercializarmos os nossos produtos e serviços tanto na área dos cuidados de geriatria como ao nível do artesanato.

Penso que isto é possível com os apoios certos. O que não sabemos podemos aprender. Para mim já existimos agora é sempre a subir.

6. Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo da sua participação neste grupo encararia a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais? Porquê?

Sinceramente eu acho que sim. Que pelo menos nós que estamos mais empenhadas e que temos permanecido no grupo ao longo deste percurso temos vindo ganhar a consciência de que essa é uma forte possibilidade. Ganhamos confiança pelo que fazemos, Fazemos algo que gostamos e porque não tirarmos daí um rendimento. A profissionalização da nossa atividade não invalida que mantenhamos um caráter voluntário, reservando algum tempo para tal. Na minha opinião, juntas estamos a adquirir a confiança e a capacidade para encarar este e novos projetos que venham a surgir no nosso caminho.

7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar essas dificuldades?

Na minha opinião a questão do financiamento pode ser a maior dificuldade já que a nível de espaço teremos sempre o apoio do CSPNSF. Mas, a questão financeira está a ser também ultrapassada. Porque primeiro para começar não é preciso grande investimento, todas ajudam com alguma coisa que possam. O RiAgir e o centro Social também têm ajudado. Em breve estes dois parceiros irão sair do terreno mas penso eu, já estaremos com as bases necessárias para avançar. Teremos financiamento para continuar e aos poucos vamos crescendo também a nível financeiro Também acho que já demos provas e somos creditados, pelo que teremos sempre alguém disposto a dar uma mãozinha. Embora queiramos ser autónomos e autossuficientes.

8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Não. Já disse tudo.

9. Dados caracterização do entrevistado

(Nome e Idade não revelados por questões de confidencialidade)

Nacionalidade: Portuguesa

Habilitações Literárias 4ª Classe.

Curso a frequentar (Módulos de Geriatria, não conferente a grau.)

Duração do curso:50 horas por módulo.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Entrevista a Assistente social de Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima (E5)

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

Frequência da atividade Empreendedora: razões e importância reconhecida

4. Quais os objetivos/ motivações para a colaboração com o grupo Artes de Coração?

Enquanto assistente social do centro social e paroquial de nossa senhora de Fátima no gabinete de serviço social participo no grupo artes de coração com o objetivo de criar um espaço para as pessoas que estão em situação de desemprego poderem de alguma forma adquirirem algumas competências para a sua vida do dia-a-dia e competências que lhes permitam também inserir-se novamente no mercado de trabalho. Considero que a ideologia deste grupo é bastante propícia a tal. A que as pessoas adquiram essas competências. Por esse motivo colaboro com o grupo Artes de Coração. Apoiar este grupo foi uma

opção tomada enquanto profissional que me apercebi com o facto de ir fazendo os atendimentos às famílias mais carenciadas da freguesia, apercebi-me que varias famílias, vários elementos do agregado familiar se encontram em situação de desemprego de longa duração sobretudo. Uma vez que nós temos os recursos logísticos e recursos humanos, achei por bem criarmos um espaço onde pudéssemos conjugar os dois. Não é?!Então, daí criamos o grupo Artes de Coração. Este grupo surgiu porque houve alguns elementos do grupo que foram convocados para uma sessão onde vimos o documentário “Quem se importa” e desse documentário surgiu uma questão que era “ o que é que eu posso fazer para transformar o sítio onde eu estou e a minha realidade. E se calhar temos que começar por nós mesmos a mudar a nossa realidade para podermos mudar a realidade dos outros. Essa questão foi colocada no grupo e foi lançada a possibilidade de criarmos um espaço onde cada pessoa pudesse desenvolver as suas competências e ensinar as competências que tenha às outras pessoas. Depois surgiu o contacto com o projeto RiAgir, no âmbito do empreendedorismo, fizemos uma sessão de empreendedorismo no feminino porque grande parte das pessoas que estavam na primeira sessão eram mulheres e vimos realmente que tínhamos muitas mulheres e então daí o empreendedorismo no feminino e os técnicos do projeto reagir lançaram esse desafio às pessoas que estavam presentes Criar um grupo onde cada pessoa que tivesse mais competências em determinada área, como por exemplo os arraiolos ponto de cruz ensinasse os restantes elementos para que depois criassem alguns artigos que depois tentássemos vender para a subsistência do grupo. E se tal também acontecer uma pessoa individualmente tentar criar o seu próprio negócio. Foi um bocadinho essa a ideologia do grupo artes de coração.

5. Quais os objetivos/ motivações que perceciona nos elementos do grupo para a sua participação no referido grupo?

Alguns dos elementos eu penso que estão presentes como uma forma de ocupar o seu tempo e uma forma de aprender um bocadinho mais. Outros elementos, penso que, também viram no grupo uma possibilidade de construírem um pequeno negócio e daí haver algum meio de subsistência. Penso que estas são as principais motivações para os elementos do grupo.

6. Qual é a importância que atribui á colaboração/ apoio que o projeto RiAgir tem dado a este grupo?

Eu penso que sem o apoio do projeto reagir que o grupo não estava neste momento como está, com o sucesso que tem. O projeto RiAgir tem dado muito apoio ao nível de organização dos *ateliers*, da organização do próprio grupo, o levantar de questões sobre como é que se organiza um grupo, questões desde organizar o regulamento, organizar as pessoas em si... Penso que sem a colaboração do projeto RiAgir, tal não seria possível.

Porque tem realmente feito uma espécie de consultoria a este grupo e as pessoas tem conseguido evoluir num sentido de o grupo estar já numa fase mais madura e consistente e perceber quais são os seus objetivos e por onde é que devem caminhar. Penso que realmente é um grande suporte para o grupo.

7. Considera que as atividades que são desenvolvidas neste grupo estão a promover o desenvolvimento de competências pessoais, interpessoais, sociais e profissionais aos elementos do grupo? Que aspetos salientaria para justificar a sua resposta?

Sim. Eu penso que com o desenvolvimento das atividades, nomeadamente, a festa de natal, a festa do carnaval, agora a festa da Páscoa, a participação no dia mundial da saúde, tem permitido que estas pessoas consigam colocar em pratica alguns valores da solidariedade, da entreaajuda, da entrega ao outro, da disponibilidade que se calhar por vezes no seu dia-a-dia não colocam tanto em pratica e assim tem aqui momentos em que conseguem coloca-los em pratica e pensar um bocadinho sobre o outro e do que é que podem fazer para dar ao outro. Porque dando ao outro também estão a dar um bocadinho a si mesmas. Não é?! Eu penso que é um espaço onde as pessoas podem desenvolver as suas capacidades tanto a nível pessoal como interpessoal, pessoal e social e estas capacidades estão na base para desenvolverem outras capacidades a nível profissional. Porque nós no nosso âmbito profissional também temos que ser portadores de determinados valores, também permite que as pessoas tenham algumas rotinas que cumpram horários, que se responsabilizem e corresponsabilizem. Não é?! Isso é importante para que depois ao se inserirem no mercado de trabalho já tenham esses valores.

8. Que contributos considera que este grupo fornece aos seus elementos para uma futura atividade profissional? (Reinserção)

Penso que um dos contributos maiores é o facto de as pessoas terem horários a cumprir, terem atividades desenvolvidas e terem que atingir determinados objetivos, num período de tempo específico, definido, que é aquilo que se passa um bocadinho também na nossa realidade profissional. Capacitando as pessoas com estes elementos na sua vida pessoal elas vão transpor para a sua vida profissional.

9. No seu entender porque é que é importante que instituições locais como o Centro social e Paroquial de N S Fátima promova iniciativas que ajudem as pessoas desempregadas desenvolver estas competências?

Eu penso que é importante, as instituições locais estarem envolvidas neste tipo de iniciativas porque as pessoas quando se encontram na periferia da cidade não tem o mesmo acesso aos serviços que há na cidade. Eu penso que cada vez mais deveremos deslocar os serviços para o sítio onde as pessoas se encontram porque é na comunidade que elas vivem que devemos intervir para que também a sua realidade seja um bocadinho diferente. E o Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima,

estando inserido no seio desta freguesia de onde as pessoas são naturais consegue fazer um trabalho diferente, um trabalho de proximidade e cada vez mais as instituições tem que pensar nesse trabalho com as pessoas. No trabalho em rede é muito mais fácil nós contactarmos com a Junta de Freguesia, com uma Unidade de Saúde do que numa grande cidade em que os serviços estão todos espalhados entre si e por vezes a comunicação não é tão eficaz. Estando no local onde as pessoas residem e tendo os serviços por perto é muito mais fácil agir e agir num curto espaço de tempo. Penso que até é uma mais-valia para o Centro Social capacitar estas pessoas destas ferramentas porque realmente ele próprio Centro Social vai retirar alguns lucros por ter capacitado as pessoas da sua comunidade. A partir do momento em que o grupo foi criado e em que o grupo foi desenvolvido houve um maior número de pessoas envolvidas e uma maior adesão quando o grupo se criou. A grande maioria das pessoas que hoje em dia sustentam o grupo no início não estava presente. E com a criação do grupo, foram ouvindo falar, e muitas vezes sem perceber muito bem quais eram as ideologias do grupo, foram deslocando-se ao centro para ter conhecimento do que é que se passava e foram se inserindo no grupo. Realmente, penso que é uma mais-valia. Tratando-se de uma iniciativa bem-sucedida considero que poderia ser disseminada por outros territórios. Sem dúvida. Penso que quando os projetos são bons devem ser replicados noutros contextos, porque não é pelo facto de já existir um projeto deste tipo numa determinada localidade, que este deixa de se poder fazer noutra. Pelo contrário. Penso que quando um projeto está implementado num determinado local e tem sucesso, se a população alvo de outro local tiver problemas locais idênticos muitas vezes problemas sociais que são comuns, julgo que é uma mais valia replicar esse tipo de iniciativas, adaptado ao contexto pois é uma mais-valia para as pessoas e para a comunidade onde elas estão inseridas.

Educação para o Empreendedorismo: Competências construídas e impactes esperados

1. Quais são para si as competências mais importantes a adquirir num grupo como este? A nível pessoal (motivação, autoestima, pró-atividade...), interpessoal, social e profissional.

A nível profissional e a nível pessoal sinto que já adquiri algumas competências desde que este grupo foi formado. O facto de poder também estar desperta para outras realidades, aprender um bocadinho com a capacidade que as outras pessoas têm, porque se cada pessoa der um bocadinho de si nós vamos aprendendo, vamos partilhando o nosso saber e recebendo o saber dos outros. Penso que as pessoas, que estão inseridas neste grupo, têm muito para dar e para aprender. Porque são pessoas que já tem uma longa história de vida, já passaram por determinados processos que eu ainda não passei e realmente com a experiência de vida que tem, tem muito a dar a conhecer. Tem muitas capacidades ao nível de competências pessoais a entreaajuda a colaboração, o amor ao próximo e estão sempre muito disponíveis para colaborar. Realmente é uma mais-valia ter estas pessoas perto de nós e quando vamos fazer as atividades e percebemos que as

atividades têm sucesso estamos sempre em ânsia de uma próxima atividade e penso que isto confere o dinamismo ao grupo. As ideias vão fluindo e por vezes numa reunião podemos não expor tudo aquilo que vamos abordar numa atividade mas no momento da atividade vão aparecendo pormenores que não foram falados mas que aparecem e fazem todo o sentido ao contexto porque já há um conhecimento entre as pessoas, as pessoas estão todas na mesma sintonia e vai-se criando pormenores entre nós e as coisas vão fluindo muito bem.

2. Quais as competências e esperava e espera que sejam desenvolvidas com a frequência das pessoas desempregadas neste grupo?

As principais competências que eu esperava ver desenvolvidas são ao nível pessoal e a nível profissional. Capacitar estas pessoas para o desempenho de uma atividade, seja ela ligada ao artesanato, seja ela mais ligada aos trabalhos manuais, mas poder capacitar as pessoas para elas aprenderem algo que possam desenvolver e dar-lhes fruto para virem a ter um meio de subsistência.

O facto de haver ateliers de ponto cruz, ateliers de macramé, de costura, arraiolos... acho que dá instrumentos às pessoas para poderem continuar a desenvolver os trabalhos e fazerem os seus próprios trabalhos manuais e poderem vender até de uma forma mais individual. Cada pessoa ir desenvolvendo a área que amais gosta e com que mais se identifica para se poder autonomizar. Penso que é este o objetivo. É o que se espera. Capacita-las para que as pessoas de uma forma autónoma consigam prosseguir e consigam também ter alguma subsistência com essa aprendizagem. O facto de desenvolverem a competência do trabalho em equipa a criatividade, a interação que têm que ter com outras instituições como o Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima, com a Junta de Freguesia, dá-lhes também essa capacidade de estabelecerem contactos com entidades que tem algum poder na comunidade onde estão envolvidas e dá-lhes também um leque de escolhas em que elas saibam que podem dirigir-se aquele serviço que já vão contar com a referência de pertencerem ao grupo Artes de Coração e isso permitir-lhes resolver algumas questões de uma forma mais simples, terem acesso a outro tipo de situações que uma pessoa que não pertença ao grupo Artes de Coração não teria.

Também ao nível das formas de abordar diferentes tipos de instituições. Distinguindo uma abordagem mais formal de uma abordagem menos formal. O que sabemos que é algo muito importante. Não é?! No fundo é serem realmente capazes de se adaptar aos contextos. Acho que é importante. Neste sentido considero que o grupo está a fornecer competências. Mesmo ao nível de terem a noção de como é que as coisas se processam. Assim ao nível da criação do seu próprio negócio em que o projeto RiAgir também pode dar algum apoio nesse sentido. Verem, como é preparada uma atividade. Quais são os contactos que devem fazer, os recursos que temos à nossa disposição, penso que se não estivessem envolvidas neste grupo não conseguiriam obter este tipo de

conhecimentos. E assim, estando integradas conseguem facilmente dominar aquilo que é necessário de ser colocado em prática na preparação de uma destas atividades.

3. Na sua perceção, até que ponto as atividades desenvolvidas neste grupo se adequam às expectativas e necessidades de aprendizagem dos seus elementos?

As pessoas ao início pretendiam ocupar um bocadinho do seu tempo, conviverem e sentirem reconhecido o seu trabalho. Eu penso que com o desenvolvimento das atividades que o grupo Artes de coração tem tido, realmente proporciona-lhes esse reconhecimento que o seu tempo que estão a ocupar está a ser útil e o facto de estarem a estabelecer mais relações pessoais e sociais com pessoas que não faziam parte do seu grupo de pares habitual. Hoje em dia as pessoas que pertencem ao grupo já vão convivendo fora do grupo. Se necessitarem de alguma coisa sabem que tem uma figura de suporte a quem podem recorrer e acho que é importante também para criar pessoas de referência que podem ajudar mais numa ou noutra questão, para alargar o leque de relacionamentos uma vez que a maioria destas pessoas estava desempregada e como tal isoladas em casa. Este grupo permitiu quebrar um bocadinho desse isolamento e dessa solidão. Isso realmente a meu ver é muito importante. No fundo as pessoas pretendiam ter uma rotina porque com o facto de estarem desempregadas perdem completamente as suas rotinas e quando acordavam de manhã não sabiam o que iam fazer durante todo o dia. Pelo menos neste momento com as atividades que o grupo artes de coração lhes proporcionam as pessoas tem um propósito em que cada pessoa à segunda-feira de manhã tem que organizar a sua vida porque sabem que às catorze horas tem que estar no centro social e as pessoas que fazem parte do grupo de voluntariado tem que organizar as suas vidas para à quarta-feira estarem na reunião de voluntariado. Estas pessoas já vão organizando as suas atividades em função de um objetivo. Além disso tem outras formações modulares e que também acabam por fomentar um bocadinho o desenvolvimento destas capacidades. Alguns dos elementos do Grupo Artes de coração estão envolvidas em formação modular certificada, nomeadamente no âmbito da terceira idade. O que lhes dá também algumas ferramentas que poderão ser colocadas em prática também nas atividades de voluntariado nomeadamente ligada às pessoas idosas. O que é uma mais-valia. Realmente, passamos de um grupo de pessoas desempregadas, sem rotinas, para um grupo de pessoas que neste momento já tem uma agenda cheia. À segunda-feira tem que ir para os *ateliers* de artes, as pessoas que andam na formação tem a terça-feira, quarta-feira e quinta-feira de manhã ocupadas e depois à quarta-feira à tarde também tem as reuniões do voluntariado com pessoas idosas realmente criou-se uma rotina completamente diferente daquilo que era a vida destas pessoas. No fundo este atelier faz com que no sentido figurado as pessoas possam exercitar “aqueles músculos que estavam parados” realmente as pessoas tem agora uma nova motivação e penso que isso é mesmo muito importante para o dia-a-dia delas e realmente para o seu próprio bem-estar, porque sabem que estão a ser úteis a outras pessoas também. Mesmo ao nível da sua autoestima a forma como estas pessoas hoje se

vêm ao nível do sentimento de realização, sinto que as pessoas atualmente estão muito mais satisfeitas.

4. Percebe alguma lacuna que sendo ultrapassada permitiria que o grupo funcionasse melhor?

A lacuna que eu vejo é nível do financiamento. Se nós tivéssemos um orçamento específico para este grupo realmente poderíamos realizar outro tipo de atividades. Mas com o facto de o orçamento disponível estar a ser fornecido pelo projeto RiAgir e pelo Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima podemos ter algumas limitações. Mas é ao nível dos recursos o único aspeto que eu identifico. É mesmo ao nível dos recursos financeiros, pois pode ser aquilo que vá colocar em causa a continuidade deste grupo depois destes dois parceiros se retirarem. Não é?! Porque depois se não forem criando os seus mecanismos de subsistências ficam numa situação económica desfavorável. Contudo nos últimos meses o grupo tem revelado uma capacidade evolutiva em si geradora de recursos. O grupo neste momento já começa a realizar algumas atividades para angariação de fundos. E parece-me que a continuarmos a caminhar nesse sentido este grupo poderá ter forma de continuar a aquisição de material para fazer mais artigos para poderem vender e realmente começarmos aqui com uma lógica de subsistência do grupo. Considero que o grupo já está a dar passos significativos nesse sentido. Neste momento já se vislumbram perspectivas de futuro nesse sentido. E realmente de um futuro risonho. Porque tem desenvolvido, tem feito doce de abobora para vender além de outros artigos que vão fazendo com base nas aprendizagens adquiridas nos *ateliers*. O grupo tenta sempre canalizar algum do seu trabalho para a venda e tem tido algum sucesso nesse sentido. Além disso nas atividades desenvolvidas enquanto voluntários acabam por surgir novas ideias daquilo que é o trabalho de preparação, para atividades futuras, não só no âmbito social como também para a sua sustentabilidade. Estão sempre a gerar-se novas ideias a colocar em prática e isso tem toda a lógica na medida que sejam postas em prática.

5. Seria possível melhorar alguns aspetos numa outra fase deste grupo? Em termos de organização, duração, estrutura, metodologias ...

Sim. Se o grupo não funcionasse apenas à segunda-feira (*ateliers* produtivos) e dedicasse mais dias durante a semana para estas atividades de trabalhos artesanais julgo que seria possível, já termos avançado um bocadinho mais. Mas se o grupo chegar a esse ponto ao nível da duração dos *ateliers* poderiam dar-se outro tipo de formação por exemplo: Prepara-los mais numa perspectiva de começarem a orientar a sua entrada no mercado de trabalho. Como preparar uma carta de apresentação. Fazer o seu próprio curriculum, dar-lhes algumas luzes na área do empreendedorismo... Realmente se aumentássemos o número de horas dedicado ao funcionamento deste grupo, poderíamos dinamizar este tipo de atividades que realmente as capacitasse para uma nova entrada no mercado de trabalho. Penso mesmo que seria uma mais-valia aliar a confeção de

determinados artigos com a transmissão de conhecimentos técnicos na área do empreendedorismo e da empregabilidade.

Alem das atividades em si formadoras de uma atitude empreendedora, também seria útil criar-se ali uma ou outra ferramenta em termos modulares que pudesse fornecer competências mais teóricas e técnicas. Essa aposta seria muito útil. Pois esta componente mais técnica de que falo faz muita falta, pois ajudaria muito à questão organizativa. Elucidação dos paços a serem dados na criação de um negócio para quem pretenda fazê-lo. Aonde é que se tem que dirigir com que entidades podem estabelecer parcerias ou quais as fontes de financiamento a que poderiam ter acesso...Essa poderia ser realmente uma das grandes apostas para se dotar o grupo de mais um ponto forte.

6. Mediante as experiencias adquiridas ao longo do trabalho desenvolvido com este grupo encararia a possibilidade de vir a criar/ participar em outros projetos sociais ou profissionais? Porquê?

Sim. O centro social e paroquial está sempre disponível para integrar novos projetos e desde que se dirijam à melhoria da qualidade de vida das pessoas estaremos sempre disponíveis dentro das nossas possibilidades para colaborar. Penso que seria muito positiva a criação de outras iniciativas. Este grupo tem a possibilidade de vir a formar uma espécie de cooperativa que lhes permita assegurar a sustentabilidade enquanto grupo e extrair uma forma de obter um rendimento extra. Não invalidando que algumas dessas pessoas pudessem conseguir ter os seus próprios empregos caso tenham essa oportunidade. Esta realidade de se encarar esta atividade como profissionalizada seria o atingir de um objetivo. Seria mesmo desejável que pelo menos os elementos nucleares do grupo, que se dedicam com maior intensidade, poderem daqui retirar um benefício extra. Seria mesmo o ideal. O objetivo do grupo andaria por aí um bocadinho no sentido de angariar recursos que pudessem favorecer financeiramente os elementos do grupo. Há pessoas neste grupo que estão numa situação económica desfavorável e essa situação dar-lhes-ia uma possibilidade de conseguir melhorar as suas vidas.

7. Que tipos de dificuldades poderão surgir na criação de outros projetos sociais ou profissionais? Quais as estratégias que utilizaria para superar/ minimizar essas dificuldades?

Neste momento as maiores dificuldades, acho que são ao nível económico. Aliado a situação do mercado que nesta área começa a estar saturado, porque muitas pessoas derivado à crise estão a enveredar por esta vertente dos trabalhos manuais para conseguirem vender alguns trabalhos para ganhar algum dinheiro extra. Nesse ponto acho que poderá surgir alguma dificuldade ao grupo em se afirmar no mercado. Até porque são áreas bem conhecidas. As pessoas que apreciam este tipo de trabalhos podem não ter capacidade económica para adquirir os produtos. Acho que realmente a conjuntura económica não é favorável. Contudo penso que se investirmos numa área do artesanato que não seja tão conhecida do público, sendo algo inovador, poderemos ter aí uma mais-valia. No facto de elas também terem o atelier de macramé, há muitas pessoas

que não conhecem esta área artesanal e poderia ser uma das apostas para conseguir colocar no mercado um produto diferente e que possui um valor muito elevado. Acho que temos que apostar em trabalhos inovadores que não sejam ainda muito vistos no mercado. Mesmo partindo daqueles trabalhos que os elementos do grupo já produzem, mas acrescentando algum pormenor diferenciador.

O centro social estará sempre disponível para ceder o espaço e alguns recursos que sejam necessários, o centro social estará sempre disponível para ajudar o grupo Artes de Coração. Pelo menos enquanto eu fizer parte do centro social estaremos sempre disponíveis para apoiar em tudo aquilo que for necessário. Nesse sentido essa seria uma das dificuldades, à partida, ultrapassada. O que para um projeto deste tipo é ponto forte. A estrutura está disponível, e ao nível de recursos de formação o grupo também tem o apoio do centro social. Nesse sentido também a criação de parcerias com entidades formadoras seria uma mais-valia. Penso que mesmo não tendo um orçamento específico para este grupo, este vai surgindo de forma natural para que se possam continuar as atividades deste grupo. Além das pequenas vendas o grupo pode enveredar pela venda em escala. Nesse sentido poderá ser um dos próximos passos, abordar algumas empresas a operar nesta área de mercado que possa vir a ter interesse nos nossos produtos. Deste modo o grupo teria clientes certos e periódicos para que estes produtos possam ser escoados com maior facilidade. Acho que o grupo ainda tem muito trabalho pela frente. Poderemos também ir por esse caminho. Pelo menos a perspetiva que temos é a de que este grupo ainda tem um longo caminho a percorrer e que pode ir muito mais longe. Sabemos que o grupo está apenas numa fase inicial e já estamos a colher frutos e que ainda há muito mais para colher. Muitas vezes os projetos chegam a um patamar em que dificilmente podem evoluir. Ou estagnam ou encerram atividade. Este contrariamente, é um caso em que tem ainda muitos recursos a serem explorados e muitos resultados que podem ser alcançados.

8. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Penso que não.

9. Dados caracterização do entrevistado

(Nome e Idade ocultos por questões de confidencialidade)

Nacionalidade: Portuguesa

Habilitações Literárias: Licenciatura em serviço Social pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Muito obrigado pela sua colaboração!

Entrevista para Técnicos do projeto RiAgir (E.7)

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

1. Dados de caracterização do/a entrevistado/a (habilitações literárias; função; há quanto tempo exerce; enquadramento)
2. (Nome e Idade ocultos por questões de confidencialidade)

Licenciada em Sociologia

Coordenação do Projeto RiAgir

Desde 2011

3. Dados de caracterização geral do Projeto (Públicos alvo)

Em breves linhas, trata-se de um projeto que como qualquer Contrato Local de Desenvolvimento Social, assume os quatro eixos prioritários de intervenção. Um eixo que passa pela empregabilidade e pela qualificação Profissional, um eixo 2 que passa pela intervenção familiar e parental Junto das famílias e o eixo três que passa pela autonomia e pela mobilização da comunidade e dos seus próprios agentes locais e eixo quatro que passa pela informação e pela acessibilidade. Dentro de cada um destes eixos existem blocos de ações concretas com atividades concretas com metas, com objetivos com destinatários e por aí fora. Também devo passar que sendo um contrato local envolve aqui uma entidade promotora que acaba por ser a própria autarquia e uma entidade coordenadora que é a Cáritas Diocesana de Aveiro a assumir também a execução das ações e conta com todos os parceiros que integram aquilo que é a rede social do concelho Aveiro.

Educação para o empreendedorismo em jovens e adultos desempregados - a sua importância e especificidades

1. Qual a importância que atribui às ações de sensibilização para o empreendedorismo em geral e em contextos socialmente desfavorecidos: razões associadas a essa importância

Vou demorar um bocadinho a responder. Primeiro porque empreendedorismo e empreendedorismo social são duas palavras que estão na moda. E como tudo aquilo que está na moda tem o seu lado bom e tem o seu lado mau. Não é?!

O lado bom de se falar de empreendedorismo e de se trabalhar a questão do empreendedorismo na minha perspectiva o lado bom acaba por ser a questão de mobilizar as pessoas para um bem comum. Mobilizar as pessoas não tanto para criar coisas novas mas para inovar através de práticas que se calhar até já existiam em tempos atrás ou através de estratégias que nunca foram sedimentadas e começam a ser sedimentadas... E este é o lado bom do empreendedorismo... social.

Até porque, conforme tenho vindo a partilhar com os colegas a necessidade assim o obriga. Não é?!

Quando existem muitas necessidades e quando existem muitas pessoas com muitas necessidades, volto a dizer, existe a necessidade de as pessoas se juntarem e de partilharem estratégias e de partilharem recursos e de rentabilizar os seus esforços para fazer alguma coisa. E isto passa pela noção de empreendedorismo social. Inovação social. O lado mau desta história do empreendedorismo social é que nem tudo se resolve desta forma. E... não se pode cair num extremo de se usar palavras bonitas, palavras da moda mas que depois caem num vazio muito grande quando não são devidamente construídas e consolidadas. Portanto, esta é a minha perspectiva.

Respondendo um bocadinho à pergunta acerca da importância do empreendedorismo social e da sensibilização dos jovens e dos menos jovens também, para esse aspeto,... os jovens assim como todos nós menos jovens devemos ser sensibilizados para tudo. E depois dessa sensibilização temos que interiorizar essas várias coisas, assim como tudo na vida. Não é?! Portanto para além de empreendedorismo social é importante sensibilizar os jovens e educar os jovens para tudo. Para o bem comum, para os princípios básicos da solidariedade, para o compromisso, para a responsabilidade e sem compromisso e sem responsabilidade não se chega a ter o que se chama e que é tão bonito que é o empreendedorismo social. Daí ser importante sensibilizar os jovens para isto porque não deixa de ser mais uma resposta e mais um recurso que podem guardar na sua mochila caso venha a ser necessário. Ou então terem isso como um princípio de vida que ainda é mais bonito e ainda mais saudável. Não é?! Mas isso tanto para jovens como para os menos jovens, como para os mais velhos. Para qualquer pessoa. É essa a importância da sensibilização para o empreendedorismo social.

De alguma forma o projeto acaba por ter vários públicos desde crianças, jovens pessoas numa situação de desemprego, pessoas mais idosas, cuidadores informais pessoas dependentes e por aí fora... E estas questões básicas acabam por ser importantes para

todas estas pessoas, para todos nós. Porque eu acho que o importante quando se trabalha nesta área, do empreendedorismo social, é nos encararmos o outro com o sendo nós também. Porque nós podemos estar do lado de lá ou do lado de cá. E esta empatia, esta capacidade de nos colocarmos no lugar dos outros leva-nos a ver as coisas de uma outra forma. Se nós enquanto equipa de um projeto com esta envergadura tivermos esta postura é meio caminho andado. É essa a postura que se deve tomar.

2.No que concerne este trabalho que está a ser desenvolvido mais concretamente com os alunos da EFTA como com o grupo Artes de Coração...

Estes e outros grupos que tivemos e que entretanto não tiveste a oportunidade de acompanhar. Não é?! Nós tivemos outros grupos de jovens e outros grupos de pessoas que lá foram tomando estas iniciativas que foram desenvolvendo ao longo do projeto. Não é?! E isso é o importante. Criam-se sementes. Não é?! Aquelas frases muito bonitas de que se pões as sementes na terra, planta-las e isso... mas depois é preciso rega-las é preciso tirar as ervas daninhas que há à volta e que às vezes as ervas daninhas também são importantes. Não é?! Os constrangimentos e as dificuldades que se apanham à volta de um projeto são aprendizagens que nós tomamos. Agimos desta maneira e para a próxima devemos fazer de outra maneira. Partilhar o lado mais fraco de um projeto empreendedor é tão importante como partilhar o lado mais forte. As fraquezas, aquilo que não correu bem também é importante partilhar. Para que os grupos ouçam e aprendam com aquilo que não correu bem. Poderão vir a melhorar quando estiverem a implementar a sua ideia. Isso também é importante. Mais importante que projetos com grande impacto, coisas muito bonitas, ou coisas com uma abrangência em termos de comunicação de divulgação. E as pessoas dizem: “é pá que projeto tão maluco, tão giro” mais importante do que isso é dizer assim: está ali um projeto. Houve um grupo de pessoas que se juntou e que fez isto, não correu tão bem, as pessoas foram por aqui depois também foram por ali, voltou a não correr bem, foram por ali mudaram as estratégia fizeram assim fizeram de outra forma. Isso significa persistência, significa investimento, significa planeamento e significa uma contínua avaliação. Que nós no âmbito da sociologia só temos é que dar valor. Eu a coordenar um projeto destes e a assumir estas ações como sendo importantes eu assumo que são importantes porque vêm das próprias pessoas. As ações não são criadas e obrigatoriamente tem que ser cumpridas desta forma e desta forma e daquela... Não. As coisas têm que passar por uma avaliação contínua. Obviamente que temos metas para cumprir porque estamos aqui a falar de projetos financiados e coisas do género e não vamos tapar o sol com a peneira. Não é!? Mas também é verdade que as coisas só fazem sentido quando partem dos próprios indivíduos, da comunidade. À partida logo aí se as coisas partem das próprias pessoas já é para lhes dar importância. Num grupo como o grupo de Nossa Senhora de Fátima eu não sei o que é que vai dar. Até pode ficar em águas de bacalhau...mas também pode vir a conseguir a sua continuidade e sustentabilidade. Mas o que é certo é que até agora estão criadas as forças e os recursos para o grupo continuar, dado que isto surgiu do próprio grupo de pessoas. Trata-se de um grupo de

peessoas que teve a necessidade de se juntar pelo menos uma vez por semana e de criar alguma coisa, de fomentar alguma coisa para a própria comunidade. Veio delas. Então, se veio delas é importante. E nós como equipa de projeto estamos cá é para isso. Para lhes dar suporte. Em relação ao Clube de Alunos da EFTA este já existia. O que precisas era de suscitar algum projeto de uma envergadura em termos de solidariedade e está aí. Com todos os falhanços com todas as dificuldades e também com todas as potencialidades pelo meio. Faz parte de um projeto. Nós estamos cá é para isso. Não é !? Agora a importância dá-se sempre porque os projetos vem das pessoas. Não são projetos criados porque são bonitos, porque em algum lado já se fez assim ou de outra forma ... o que temos que ter em conta é a realidade com que estamos a trabalhar. E a realidade são as dificuldades mas também são as pessoas que sentem essas dificuldades e que tem, propostas e que tem potencialidades para dar a volta a essas dificuldades. Que podem não ser as mesmas que as nossas mas são essas que podem ser válidas. É isto. Fomentar, dar-lhes aqui alguma conceção, algumas luzes de empreendedorismo ou sem ser de empreendedorismo pode ser de outra área qualquer. Isso é o menos importante. O mais importante é que há qualquer coisa que está a ser construída pelas pessoas. Estas pessoas podiam nunca ouvir a palavra empreendedorismo e serem empreendedoras. Porque as coisas já existiam. O a atitude empreendedora já existe há muito tempo o nome é que é novo. Estão-se a dar nomes sonantes, mas o empreendedorismo sempre existiu. Isto não está agora a ser inventado por grandes cabeças e por grandes sociólogos..., ou por grandes gestores. As coisas agora estão é a ganhar outra dimensão. Se calhar está-se a dar agora a devida importância. Porquê? Porque também surgiram as grandes necessidades. E para grandes necessidades, grandes respostas. Ao nível dos grupos com quem trabalhamos, nomeadamente o Clube de Alunos EFTA e o Grupo Artes de Coração, nós enquanto técnicos, prestamos o apoio que temos que dar. Porque as coisas estão lá. Precisam de ser orientadas, precisam de ser planificadas, precisam de ser implementadas, operacionalizadas. Não venhamos com histórias.... Porque as pessoas não têm este ritmo, não tem estas práticas de se juntar, fazer um registo de reunião, fazer um regulamento, pensar nas coisas desta forma para correr bem. Agora quem está do lado de cá, se tem este *now haw*, só tem que mais é que o partilhar para com aqueles que tem o outro *now haw*, o *now haw* das necessidades e das respostas que devem ser implementadas na comunidade, nós temos que dar estas ferramentas e acompanha-los a colocar em prática estas ferramentas. Esse é o nosso trabalho que é muito pequeno em relação ao trabalho que eles terão que fazer. A ideia não é sermos uma moleta. A ideia é dar-lhes as ferramentas e ensina-los a utilizar as ferramentas e depois o projeto acaba e eles são autónomos e até continuam a trabalhar sem a nossa ajuda. Se calhar até utilizam outras ferramentas melhores que aquelas que lhes demos. Mas se tiverem a capacidade de criar ferramentas melhores é porque tiveram estas como ponto de partida. É essa a ideia.

Educação para o empreendedorismo em jovens e adultos desempregados: Avaliação das ações

Identifica alguma lacuna, potencialidades e aspectos a melhorar nestas ações de sensibilização para o empreendedorismo em termos de construção de competências junto dos jovens e dos adultos desempregados

Claro. Isto não é tudo lindo. Isto não são flores. As flores é que são sempre bonitas e mesmo assim algumas têm espinhos e também morrem. É claro que existem lacunas. Se não existissem lacunas estávamos mal. Existem falhas, sim. Existem dificuldades, sim. Posso te identificar algumas com os jovens do clube de Alunos da EFTA é a falta de sentido de compromisso e do sentido de responsabilidade inerentes a qualquer projeto. As oscilações de motivação dos miúdos, porque são miúdos, tem outros interesses as coisas vão variando, e agora na primavera “bum” são os namoricos as coisas baixam um bocadinho, e depois os exames, em que o sentido de compromisso e responsabilidade baixam, há algumas oscilações.

Em relação às pessoas de Nossa Senhora de Fátima sem dúvida que existem aqui alguns casos de desconhecimentos sobre as ferramentas, nós estamos a falar de pessoas que nem sequer sabem ligar um computador por exemplo. Não é?! E tem que se lhes dar a volta e contornar, embora o computador não seja algo que faça muita falta do meu ponto de vista, na implementação de um projeto. Mas é uma ferramenta. E é uma ferramenta útil que eles poderão vir a utilizar no futuro. Existem ali algumas dificuldades mas nós estamos cá é para os ajudar. É esse o nosso o nosso princípio. Mas outras dificuldades que se podem sentir. Às vezes tem a ver com a contextualização porque tudo o que é uma iniciativa deste tipo ou qualquer coisa que se implementa onde já existem outras coisas, outras respostas, onde já existem outras necessidades também. Há que ter em conta tudo o que está à volta, para não haver sobreposição, para haver articulação, integração, cruzamento de ideias e às vezes isto é difícil porque nem sempre estamos a falar de um meio em que a cultura organizacional ou as relações interinstitucionais ou as relações informais com os agentes locais estão para aí virados. Fala-se em parceria, mas às vezes a parceria tem um ponto de interrogação. Fala-se em redes mas às vezes as redes tem um ponto de interrogação. O que é isto de trabalharem rede? O que é isto de trabalhar em parceria?! E isto são assuntos e palavras que devem estar muito paralelos, muito lado a lado aquilo que é o empreendedorismo social. Tem que haver sempre a mobilização de todos os agentes e termos os pés assentes na terra sobre a contextualização daquilo que estamos a promover e a implementar com as pessoas.

Nós não criamos culturas nem semeamos culturas empreendedoras ou do que for. Quando muito, nós podemos é espelhar a mais-valia de se trabalhar desta forma. Espelhar a mais-valia, porque não vamos fomentar nada não vamos criar nada nem

vamos inventar ada. Não é?! Agora tudo isto leva o seu tempo e é consoante os meios. Este é o meu ponto de vista pessoal. É consoante os meios. Em meios onde existem muitas necessidades quase que é sentida a obrigação de se trabalhar em parceria e quase que não é preciso um contrato ou um protocolo ou seja lá o que for. Em meios em que as coisas não sejam assim tão sentidas há outros valores e outros interesses que sobem mais rápido do que propriamente a essência do empreendedorismo social. Mas nós estamos cá para batalhar nisso. Certo?!

Estamos a falar de públicos diferentes, que não tem nada a ver. Os projetos de que estamos a falar, (grupo Artes de coração e Clube de alunos EFTA) não tem nada a ver e os grupos de pessoas não tem nada a ver. Até os locais onde estão a ser formados, não tem nada a ver.

1.1 Que potencialidades identifica em cada um destes dois grupos?

No caso do clube de alunos EFTA, identifico como mais-valia a juventude, a irreverência, a capacidade de atirar as ideias para o ar sem qualquer filtro, o que é muito bom. Porque depois as ideias começam a ser trabalhadas, umas caem, outras ficam penduradas e outras são trabalhadas e isso é muito bom São potencialidades de um grupo.

Do grupo de Nossa senhora de Fátima destaco a maturidade. A maturidade das ideias, o espírito de solidariedade que já existe entre as pessoas a essência do que é trabalhar em equipa, também já existe nestas pessoas em que cada uma assume o seu contributo. De certa forma também o sentido de compromisso.

1.2 No contexto de cada um destes dois grupos que aspetos podem vir a ser melhorados?

Não. Não te consigo responder. Acho que essa resposta tem que vir das próprias pessoas, dos próprios grupos. Não vou dar o meu parecer sobre isso.

2. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Sim.

Acho que é importante fazeres esse enquadramento. Tu fazes aqui a descrição do projeto, tu pedes o enquadramento do projeto, mas tu nunca te podes esquecer que estas ações que nós estamos a desenvolver tanto com o grupo da EFTA como com o grupo Artes de Coração não são isoladas. São ações que fazem parte de um eixo dentro dos quatro eixos estratégicos deste projeto (CLDS) E... há um, princípio do Projeto RiAgir que é a transversalidade. Portanto estas ações tocam em outras respostas que nós temos do projeto e em outros eixos. Isto não é nada estanque. Isto é tudo muito transversal tudo muito complementar e a relacionar-se tudo muito entre si. Há um grande fluxo de comunicação entre todas as ações e entre as várias respostas. E entre os vários Públicos. Como tu já te deste conta. Isto é muito importante porque é a base da contextualização

daquilo que estamos a fomentar. Nenhuma ação, nenhuma iniciativa deve ser isolada. E quando eu digo que nenhuma ação é isolada, não é isolada das outras ações do projeto, não é isolada das outras respostas que existem nas outras freguesias, ou no concelho, não é isolada dos públicos, porque os jovens não estão isolados das instituições, das escolas dos pais, dos professores, das equipas técnicas dos namorados e das namoradas, está tudo ligado.

No fundo acabamos que trabalhar com instituições que estão a trabalhar com estes públicos. Isso é muito importante quando estamos a falar de uma palavra tão bonita e tão na moda como o empreendedorismo social. Não é empreendedorismo. É empreendedorismo social. Ok?! Penso que este ponto é o primeiro ponto que deve estar em qualquer enquadramento de um estudo desta envergadura. Que nada é isolado. É só isto. A informação sobre o projeto vou dizer-te para ires procurar.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Guião de Entrevista para Técnicos do projeto RiAgir (E.8)

Boa Tarde, o meu nome é Hélder Ferreira, sou estudante do Mestrado em Sociologia da Universidade de Coimbra e estou a realizar um estudo sobre a importância da construção de competências empreendedoras nos jovens e em pessoas desempregadas. Para o efeito necessito da sua colaboração. Os dados recolhidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e serão salvaguardados todos os pressupostos de confidencialidade. O recurso à gravação, se autorizado, servirá apenas para facilitar o registo dos dados recolhidos e posterior transcrição e tratamento dos mesmos.

4. Dados de caracterização do/a entrevistado/a (habilitações literárias; função; há quanto tempo exerce; enquadramento

Idade: 28 anos

Licenciatura em Gestão de Empresas

Técnico gestor do projeto RiAgir

Desde Outubro de 2013

5. Dados de caracterização geral do Projeto (Públicos alvo)

De acordo com os meus conhecimentos o Projeto RiAgir é um contrato local de desenvolvimento social do concelho de Aveiro, promovido pela Camara Municipal de Aveiro, coordenado pela Cáritas Diocesana de Aveiro, financiado pelo Instituto de Segurança Social Português. Este projeto tem como objetivo a capacitação de instituições ou pessoas, para o empreendedorismo da população e também para o combate à exclusão social e tentar dar às pessoas e as instituições uma ferramenta extra para atingir objetivos a nível de apoio ao empreendedorismo, apoio psicológico a nível de apoio social, colmatar lacunas que possam existir em algumas instituições, um conjunto de parcerias para prevenir qualquer situação aqui no concelho de Aveiro.

Educação para o empreendedorismo em jovens e adultos desempregados - a sua importância e especificidades

1. Qual a importância que atribui às ações de sensibilização para o empreendedorismo em geral e em contextos socialmente desfavorecidos: razões associadas a essa importância

Para mim as ações de sensibilização para empreendedorismo são de importância extrema. Apesar de quando se fala com o público-alvo, com certas instituições, as pessoas referirem este fartas de ouvir falar de empreendedorismo e que já sabem tudo o que há a fazer, que é sempre a mesma coisa que é sempre o mesmo paleio, que é sempre a mesma informação... que a abordagem dos organismos que falam deste tema é sempre a mesma. No entanto é minha convicção que apesar de haver muito, não se faz nada. Isto porque apesar de haver instituições que batem sempre na mesma tecla e estas pessoas acharem que a tecla está a ser batida demasiadas vezes, continua a haver lacunas. Isto porque continuamos a olhar para o tecido da população em exclusão social, pessoas com dificuldades e a maneira de lhes falar de empreendedorismo no seu dia a dia com formações obrigatórias ou não é sempre a mesma. Isto leva-me a pensar que ou o empreendedorismo está a ser mal abordado junto destas pessoas ou a abordagem ao empreendedorismo não é a mais apropriada. Excetuando uma ou outra situação acho que é um erro. Porque a partir do momento em que um concelho como o de Aveiro em que existem tantos organismos que falam sobre empreendedorismo para este público, no entanto nada daquilo que é feito e dito está a entrar na cabeça destas pessoas, é da minha opinião que devemos continuar a batalhar e explicar a mesma coisa as vezes que forem necessárias. E sobretudo tentar encontrar outras estratégias, outras abordagens para leva o empreendedorismo como saída para a crise, até estas pessoas que muitas vezes são pessoas sem esperança que já se deram por vencidas, que já se encontram em situações desesperantes e que para elas o empreendedorismo social ou empresarial, a atitude empreendedora é tudo paleio. Havendo uma abordagem mais prática mostrar às pessoas como serem empreendedoras na sua realidade. Tentar mostrar o que é o empreendedorismo numa vertente pratica apesar de todas as dificuldade que as pessoas podem sentir, havendo organismos ou pessoas preparadas e disposta a falar sobre

empreendedorismo e logo a seguir com as mesmas pessoas, transporta-las para contextos reais do mercado de trabalho e de empreendedorismo ou, leva-las para workshops ou oficinas ou, mostrar-lhes que a pessoa a, b, c conseguiu e mostrar como se põe em prática a teoria, apontando e dizendo os passos que pode dar, onde se dirigir para obter apoio. Dar a conhecer os meandros que o empreendedor tem à sua disposição. Chamar as pessoas à atenção para o que as bloqueia, essa seria a parte prática que faz falta.

Muitas pessoas têm ideias, mas não se mexem por causa do medo. Os medos inerentes à situação social em que eles se encontram. Sejam desempregados, novos, menos novos... tentamos colmatar estes medos através da formação, através da parte prática, através de leva-los a começar o seu caminho e depois deixa-los fazer o seu caminho na área do empreendedorismo. No entanto haverá sempre aqui alguns desafios. O principal é mesmo a vontade por parte destas pessoas de serem empreendedoras, em quererem ter uma atitude empreendedora. O medo de falar, o medo de ficarem numa situação financeira menos favorável à que já tem. O medo de... os medos que adquiriram ao longo de uma vida. Medos que pura e simplesmente estão enraizados e não estão dispostos a ver possibilidades para ultrapassar essas dificuldades. Tenho uma ideia empreendedora mas estou sempre a bater na mesma tecla. Se houver um técnico que ganhe a confiança da pessoa e a incite a fazer assim ou assado, a fazer aquilo ou alquilo outro e aponte o caminho... não fazer o caminho, nem fazer todo o trabalhinho à pessoa mas indique o caminho possivelmente as pessoas sentirão mais confiança para seguir o seu caminho empreendedor. Não é de todo, a solução para todas as pessoas. Isto porque a maioria das pessoas desfavorecidas que tem ideias de negócio e pela minha experiência cá em Aveiro, existem imensas pessoas com grandes ideias de negócio fantásticas, mas poucas delas estão dispostas a mexer uma palha para a executar mesmo que haja alguém com muita experiência técnica que lhe dê a papinha toda, há um número muito pequeno de pessoas que estão dispostas a fazê-lo.

É a mesma situação em que as pessoas dizem “eu tenho uma ideia de negócio, mas eu tenho filhos, ou tenho marido, tenho muita coisa para fazer, tenho outras dificuldades” as pessoas agarram-se demasiado aos obstáculos e depois por mais que alguém esteja a elencar coisas positivas para ultrapassar estas dificuldades, as pessoas batalham sempre no mesmo. Só aquelas poucas pessoas que têm noção das suas dificuldades mas estão dispostas a lutar um pouco mais, a dormir menos horas por dia para lutar pelo seu sonho, pela sua ideia e estão dispostas a dizer aquelas pessoas que sabem ter mais experiência do que elas, técnicos, formadores, gabinetes de apoio ao empresário/empreendedor, associações e estão dispostas a seguir as dicas e orientações que lhe dizem para seguir, essas sim, irão conseguir chegar a bom porto.

Ter uma atitude empreendedora é tão simples como não baixar os braços e não estar o dia todo sentado no sofá ou na cama à espera que sejam os outros a trazer-lhes o trabalho e o ordenado. É levantar-se sair para a rua, ter um plano e ir procurando, pesquisando, lutar, avaliar, ter ideias testar as ideias. Umam vão correr bem, outras

vão correr mal. Obviamente, desde que tudo seja feito com cautela para não se meter em nenhum trinta-e-um financeiro, por exemplo, ou não piorar mais a sua situação, isso é muito importante.

Mas realmente há pessoas que criam mais riscos do que realmente existem. Há que fazer ver a certas pessoas que não tem nada a perder e que só podem ganhar. Apesar de ser uma análise muito dura de se fazer, a verdade é que há pessoas que já bateram tão fundo que ao arriscar não podem perder mais nada, só podem ganhar. Nesse caso a pessoa só perde se não se mexer. É duro a pessoa ouvir isto mas é a realidade pura e dura. Hoje em dia a realidade social e empresarial não é uma realidade igual à de há uns quinze anos atrás.

No entanto não estamos limitados ao empreendedorismo empresarial. Há pessoas que não têm necessariamente que enveredar por esta via.

Existe também o empreendedorismo social que cada vez é um tema mais em moda. Para ser empreendedor social, não tem que necessariamente abrir ou criar uma organização. Uma pessoa que de alguma forma tenha uma vida profissional ou financeira estável, ou já está na idade da reforma, ou por algum motivo não consegue ser inserido no mercado de trabalho, mas também não tem inclinação para a implementação de um projeto empreendedor, mais de âmbito empresarial, ou se for mais vocacionada para a área social, poderão fazer mil e uma coisas. Tudo isto numa vertente de atitude. Se uma pessoa diz que gosta imenso da área da restauração, por exemplo, mas não consegue arranjar trabalho remunerado nessa área, não tem possibilidades para abrir o seu próprio restaurante/próprio negócio, pode muito bem ir fazer voluntariado para uma creche ou um lar de idosos, ou um lar de acolhimento para pessoas desfavorecidas e depois lá conhecer pessoas e fazer as suas artes culinárias e entregar gratuitamente a sua sabedoria. Isso por si só já é ter uma atitude empreendedora na vertente solidaria e quem sabe se a pessoa chega ao ponto de crescer e quem sabe conseguir criar uma cantina solidaria, ou alguém reconhecer o seu mérito e contrata-lo/a. Porque imaginemos um grupo de pessoas desfavorecidas que se juntam para trabalhar pelo bem comum como por exemplo o Grupo de Nossa senhora de Fátima- Artes de coração que desenvolvem atividades de voluntariado com pessoas idosas e *ateliers* de partilha de saberes. Este foi um grupo que começou a dar os primeiros passos com o apoio do projeto RiAgir. Não esquecendo o facto de que a maioria destas pessoas estarem desempregadas e algumas serem reformadas e como tal querem ocupar o seu tempo. São pessoas com muitos conhecimentos a nível do artesanato, com maturidade, espírito de equipa, que gostariam de por em prática. Estas pessoas tinham vontade de melhorara qualidade de vida da sua comunidade e juntaram-se com o apoio de uma instituição neste caso foi o Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima, e querem trabalhar para o bem comum. Isso inclui de alguma forma apoiar as pessoas idosas e também de alguma forma partilhar os seus conhecimentos com algo pratico como fazer atividades a nível artesanal, e por esse trabalho em prol dos idosos e da sustentabilidade do próprio grupo.

Criando atividades, vendendo produtos, realizando pequenas ofertas aos idosos, tudo isto começando da vontade e um grupo, partindo do seio das próprias pessoas o céu é o limite. Claro. Será que faz mais falta este tipo de empreendedorismo (social) ou o empreendedorismo empresarial? Não há forma de saber. Os dois fazem falta. Possivelmente neste caso concreto acaba por dar para as duas vertentes. Tudo depende depois como as ideias são desenvolvidas e de que formas são conduzidas. Neste momento faz mas sentido naquele grupo o trabalho de proximidade. E de cariz social. Mas, quem nos diz se aquele grupo não começa a tomar proporções ao ponto de chegar a ser uma ONG ou associação que produz, faz vendas recebe encomendas, apoios e permanece também com a sua componente social e solidaria... tudo isso é possível. Quem sabe se esta não será uma prática de associativismo a disseminar noutros contextos com realidades semelhantes. Porque há empreendedorismo como estamos a falar, às vezes esta distinção não é muito lógica, porque independentemente das suas formas empreendedorismo é empreendedorismo. O empreendedorismo é muito mais vasto que estas duas vertentes: empresarial e social. Por exemplo se o Papa nos perguntasse em que áreas deveríamos apostar na social ou na empresarial, diríamos que deveríamos apostar em 50% numa e 50% na outra área. Porque uma pessoa numa situação desfavorável se conseguir ter apoios intelectuais, humanos e financeiros, uma bengala extra e criar o seu próprio trabalho terá meios de subsistência. Assim vai poder sair da crise e vai ter uma situação pessoal mais favorável. Uma pessoa que consiga alcançar estabilidade profissional, e estar socialmente bem integrada terá condições de implementar um projeto de cariz social. Ou seja os dois mundos não são separados. São duas áreas indissociáveis de uma mesma realidade. Por vezes em matéria de sensibilização para o empreendedorismo é necessário os técnicos descerem do seu “pedestal” e adaptarem a sua linguagem à do seu público. Se estamos a falar de uma população desempregada, maioritariamente pouco qualificada em contextos desfavorecidos, obviamente que os organismos, quase-todos eles, públicos subordinados a atores locais ou nacionais ou internacionais, em geral, todos com técnicos com uma formação acima da média que por isso muitas vezes não conseguem chegar aqueles que realmente precisam e a quem se destinam. E depois vamos pedir a estas pessoas para baixar o seu nível adaptando-se aos seus públicos e muitas vezes estes não conseguem adapta as suas abordagens ao público com que estão a trabalhar. Muitas vezes cumprem-se os objetivos mas a sua eficácia não se verifica. No nosso caso enquanto técnicos do Projeto RiAgir a filosofia é adaptar as nossas metodologias pela empatia. Pensando e exprimindo as ideias a transmitir em função do público que temos à nossa frente. Uma das ações do projeto RiAgir foi a formação de técnicos superiores na área do empreendedorismo. Foi frito. Era necessário estes técnicos da área social serem capacitados para identificar o empreendedorismo no público a que se destinam, para saberem encaminhar as pessoas que a eles recorrem. Tivemos uma grande aposta nas sessões de empreendedorismo, socioeducativas, emprego, empregabilidade para pessoas socialmente desfavorecidas para pessoas que de alguma forma necessitam destes conhecimentos, temos que no intermeio disto o apoio ao empreendedor, apoio de encaminhamento neste caso, mas não só... porque se de alguma forma conseguirmos ter

um elemento que faça a ponte de ligação entre quem é especialista com uma abordagem muito técnica relativamente ao empreendedorismo e aqueles que não tem qualquer tipo de conhecimento nesta área entre instituições, organismos e apoios financeiros na área do empreendedorismo e as pessoas que mais precisam deles temos aqui aquilo que é a função de um gabinete de apoio e atendimento ao empreendedor. No caso do projeto RiAgir fazemos o encaminhamento muito mais orientado para uma lógica de terreno.

Assim se uma pessoa chega aqui e tem esta e aquela ideia mas é demasiado jovem não tem fiadores e está desempregado, não tem pais que apoiem financeiramente e não sabe o que fazer para concretizar a sua ideia. Nós não podemos simplesmente dizer-lhe para se deslocar a instituição de crédito que vai ter o crédito de forma simples. Não é uma ajuda realista. Primeiro devemos orientar a pessoa a escrever a sua ideia no papel de forma que sistematizada a informação a ideia possa tornar-se um negócio real, credível. A partir daí passo a passo começar a dar as noções técnicas de que é que o empreendedor tem que ter noção. A parte da aferição e sustentação lógica da ideia da implementação operacional, a parte local a parte financeira, a parte de apoios, a parte de contactos, de redes, a parte de clientes, de mercado, publicidade, e de terreno o trabalho propriamente dito. Ideias não faltam, falta às vezes é a vontade de se levantar e concretizar a ideia. O que falta também às instituições aproximarem a sua linguagem à das pessoas para as ajudar de forma sustentada em que o público entenda o que está a ouvir. Porque nem todas as pessoas com ideias de negócio possuem m curso superior. E em todas as pessoas com formação superior tem conhecimentos na área do empreendedorismo. No entanto as ideias mais exequíveis ou mais facilmente exequíveis não são de quem tem um curso superior. Porque quanto mais avançados são os conhecimentos das pessoas, mais complexos tendem a ser os suas ideias e conseqüentemente mais complexa é a sua execução. Pode ser que uma pessoa quando nos chega ao RiAgir tenha a ideia de montar uma loja de reparações de materiais eletrónicos. Eu pergunto mas porque quer ter essa loja. A pessoa responde que quer montar este negócio porque hoje em dia existe muito consumismo eletrónico as pessoas em vez de arranjar a custo reduzido prefere comprar o eletrodoméstico novo por 100 euros. Não estão dispostos a perder tempo para concertar e também porque em Aveiro não existe nenhuma loja de reparações que faça esse trabalho. Eu respondo a essa ideia afirmativamente. Porque para já tem pernas para andar. A partir daí o tempo, o esforço e a pesquisa é que vão dizer se uma ideia é ou não viável. Tal como é possível um sapateiro montar uma empresa de sapataria e crescer, crescer, crescer... como é o caso em Aveiro dos sapateiros que ganham imenso dinheiro. Se estamos em crise temos que da asas às nossas ideias empreendedoras. Pensar em apostas onde o mercado ainda não está saturado. Estas ideias por vezes vêm de pessoas que se encontram em situações muito desfavoráveis de exclusão social precariedade. Nesse sentido o empreendedorismo está debaixo de cada pedra. O empreendedorismo acaba por star em cada atitude de uma pessoa. Quem não tem atitude não poderá ser empreendedor. O próprio ato de empreender, de fazer algo envolve a pessoa mexer-se. A pessoa tem que assumir o risco tentar uma e tentar as vezes necessárias e avaliar essas tentativas para

daí extrair contributos para melhorar na próxima tentativa. Quem acredita vai atras do sonho. E não se põe com desculpas a dizer “ah mas eu tenho um filho muito novo...tenho que ficar com ele, não posso fazer nada. “ah eu tenho o marido, tenho que ficar em casa para fazer o almoço para ele...não posso fazer nada. “ah eu tenho u pai ou uma mãe doente tenho que cuidar deles vinte e quatro horas por dia, não posso fazer nada.” São desculpas! Quem quer mesmo arranja alternativas: Grupos de entreajuda, um vizinho para ajudar, um familiar próximo. Criar uma dinâmica de proximidade, um grupo de amigos que se cria. Por exemplo o grupo Artes d coração ou outros grupos que apoiamos para terem uma base para se necessitarem. Eu preciso de alguém para me ajudar nisto, nisto e naquele outro. Preciso de alguém que durante três horas venha cuidar do meu filho para eu poder ir a uma reunião naquele organismo para tentar obter financiamento para a minha ideia de negócio. Agora arranjar desculpas não ajuda. Há que pensar em soluções. As pessoas muitas vezes não estão dispostas a pensar em soluções.

Educação para o empreendedorismo em jovens e adultos desempregados: Avaliação das ações

Identifica alguma lacuna, potencialidades e aspetos a melhorar nestas ações de sensibilização para o empreendedorismo em termos de construção de competências junto dos jovens e dos adultos desempregados

Uma lacuna que eu identifico e já referi é que a maioria das instituições que trabalham na área do empreendedorismo estão muito focadas no empreendedorismo empresarial e não estão dispostas a ouvir ideias, sobretudo as que vem de pessoas mais desfavorecidas. O problema é que muitas vezes os técnicos afetos à área empreendedorismo não conseguem sair da sua zona de conforto e arriscar seguir outras ideias. Pelo mesmo fator que um engratado que gere um gabinete de apoio ao empreendedor sente-se desconfortável ao falar com um pobre “descalço” roto, mas que tem uma ideia excelente, mas este não se sente nada à vontade em apresentar a sua ideia por mais que esta seja boa. A lacuna é não haver meio-termo. Não há meio-termo de imagem por parte dos técnicos que trabalham com estas pessoas e internacional, de confiança, de empatia, de abertura, de linguagem. No entanto ser pobre ou rico, ou, ter ou não ter uma boa vida, não significa que não se possa ter uma boa ideia. Uma pessoa hoje está como técnico e amanhã pode estar do outro lado. Hoje quem está numa situação de carência social pode ultrapassá-la e que está no lado dos serviços pode amanhã cair numa situação desfavorecida. Por mais status que uma pessoa tenha, por mais estudos que se tenha, isso não significa que ao arriscar não corra ma e a pessoa perca o que tem e fique numa situação de carência. Uma pessoa que se calhar não arrisca tanto porque já sabe até onde pode arriscar, está disposta a começar com mais calma e fazer a sua ideia crescer com calma, com fundações solidas e vingar onde o outro que arriscou demasiado falhou. Isso claramente julgo ser uma lacuna.

A outra grande lacuna é a mentalidade das pessoas. As pessoas estão socializadas de uma forma, nas últimas décadas, que presam demasiado a segurança. E neste momento a segurança de um trabalho para a vida, bem pago e que lhes proporcione estabilidade está longe daquilo que já foi. As pessoas não foram socializadas para uma atitude de arriscar. Então nos últimos quarenta anos a cultura do funcionário público dominou a mentalidade da maioria da população. Na filosofia das pessoas o trabalho por conta de outrem de forma estável era horizonte. No contexto atual as condições são mais flexíveis e é necessário criar mecanismos sociais que façam engrenar no sentido de uma mudança de mentalidades e de capacitação dos indivíduos para assumirem a responsabilidade pela sua situação. O objetivo é provocar uma mudança de mentalidades. Uma pessoa que trabalhou quarenta anos da sua vida e aos cinquenta, sessenta anos fica desempregada é muito nova para a reforma é extremamente difícil “obriga-lo” a ser empreendedor. No entanto se eu disser que para estas pessoas que querem ser empreendedoras é tão simples como por exemplo pegarem em utensílios e irem para a agricultura e comecem a cavar batatas e essa passe a ser a sua forma de subsistência ao menos estão a fazer alguma coisa e até podem não ter dinheiro, podem não ter salário, mas também não passam fome. E tem dignidade porque estão a fazer alguma coisa. Isto é empreendedorismo. Ao nível das sessões dinamizadas pelo projeto RiAgir junto de alguns grupos as lacunas identificadas nestes grupos são as bases de suporte. Porque é que o Grupo Artes de Coração está a ser tão bem sucedido?! Porque tem duas boas bases de suporte. Primeiro o Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima, apadrinhou este grupo de pessoas O Projeto RiAgir e os seus técnicos envolveram-se neste trabalho. Á posteriori quando tomaram conhecimento do projeto em especial o apoio da Dr.^a Vânia e o Projeto RiAgir como projeto concelhio que é abriu as suas portas. Obviamente os grupos pequenos de bairro não tem esta capacidade. É preciso ter a possibilidade de ter técnicos empenhados no seu sucesso. A sorte é uma conjugação de experiência com oportunidade. A experiência ganha-se o que não se sabe aprende-se a oportunidade procura-se. Bate-se às portas, gasta-se sola, vamos por esse caminho fora. Da mesma maneira que a associação CORDA na Rua Direita de Aveiro. A sua primeira reunião foi com o Projeto RiAgir e o seu objetivo foi criar uma dinâmica de Rua na altura do Natal e isso foi o suficiente para por as pessoas a mexer e a perceber que se calhar vale a pena começar. Muitas vezes é só o pontapé de saída que é necessário. Se calhar foi a partir dessa vontade que surgiu tudo o resto. Deixa de ser um grupo de pessoas dispersas que começam a unir-se e a trabalhar em prol de um objetivo. Começam a ter estrutura, credibilidade, dão-se a conhecer. Também tem alguns membros com alguma credibilidade que participam em algumas situações, já começam a ter peso junto da autarquia, e a estabelecer parcerias com outras instituições da comunidade, começam a ter peso junto da parte comercial da Rua Direita está a conseguir atrair pessoas para a Rua Direita, estão a conseguir mudar a fisionomia da rua, algumas mentalidades de alguns comerciantes desta Rua e está a crescer. Se esta instituição, se este grupo de pessoas da Rua Direita, da CORDA, tivesse reuniões mais regularmente e um organismo a orientar, no sentido de dizer faz-se assim e não se faz assado. Aconselho a fazer assim e a fazer assado, se tivesse o apoio com a intensidade

do Grupo Artes de Coração possivelmente estaria duas ou três vezes à frente. Este grupo também precisava desse apoio regular. Se considerarmos que são artesãos que a maioria têm grandes habilitações literárias, tem uma vida de trabalho, vêm a situação do país tal como está, a ver os clientes a diminuir, se tivessem alguém com conhecimentos que lhes indicasse o caminho a seguir. “Experimente fazer assim, Experimente fazer assado”, “Arrisque assim, Arrisque assado” “vá falar com esta pessoa, vá falar com aquela pessoa, temos este e aquele contacto”, “comunique assim, comunique assado”, “faça este tipo de marketing, faça estas campanhas” ter ideias, “vamos em conjunto ter reuniões” Formas de tornar o espaço mais atrativo, ou seja, levar até às pessoas conhecimentos que elas não têm. Se estas pessoas tivessem uma orientação mais periódica com o Grupo Artes de coração, teria mais sucesso. Se no concelho de Aveiro, em cada freguesia, houvesse um gabinete e apoio ao empreendedorismo na sua vertente mais simplista, eu garanto que haveria muitos mais projetos a sair e a chegar a uma associação de direito ao crédito e haver muitos mais projetos a ser investidos com valores de três, cinco ou dez mil euros. Contrariamente aos poucos projetos que há no concelho que em geral são financiados com orçamentos de trinta, quarenta ou cinquenta mil euros. Podem ser mais bonitos, são mais fáceis de ser implementados, quase sempre são equipas e organismos de cinco ou seis técnicos, que os coordenam, pessoas muito formadas, muito técnicas, cujo trabalho para ser criado possivelmente para pessoas muito formadas e muito técnicas. Quando se calhar um décimo das organizações que temos neste momento, precisam ajudar dez pessoas, uma a abrir a sua sapataria outro a abrir a sua loja de flores, outra a abrir a sua loja de bijuteria, a abrir uma loja de artesanato, ou o que quer que seja, com investimentos pequenos de três mil euros, pagáveis em meia dízia de anos. Com um valor residual muito baixo. No fundo situando na pergunta, situo como lacuna a escassez de gabinetes que prestem um apoio de maior proximidade com os empreendedores como o nosso projeto faz, mas que não conseguimos chegar a todo o público.

Outra lacuna é que o desenvolvimento de competências empreendedoras por parte dos grupos que existem, só não desenvolve mais por falta de orientação. E apesar de haver muitos técnicos com vontade de ajudar, muitas das vezes não tem perfil. Por muita formação que tem esta não é a adequada para este tipo de intervenção. Por vezes não é só a questão da formação. Por vezes não tem a predisposição para mobilizar certas ferramentas necessárias a estes tipos de abordagem na área do empreendedorismo. Alguém que tem uma ideia de negócio mas não sabe por onde seguir, é preciso saber orientar.”Vamos desenvolver a ideia, vamos saber se a saída é grande e permitir amadurecer a ideia.

Estou a tentar lembrar-me...de grupos. Se formos considerar a lacuna dos conhecimentos é sempre uma das maiores lacunas porque a maioria destes grupos são constituídos por pessoas de um patamar social desfavorecido. Estas pessoas carecem destes conhecimentos, que necessitam de formação e que não poderá ser formação paga.

Tem que ser uma formação paga pelo estado e não pode ter um grau de exigência tão elevado a nível de conhecimentos. Tem que ser uma abordagem mais soft para as pessoas poderem ter uns conhecimentos extra para poderem avançar nestas atividades e infelizmente há muitas portas que não estão abertas. Há tanta gente a necessitar deste tipo de respostas que não conseguimos dar vasão a tanta procura. Isso obviamente que é uma lacuna. Esse é que é um “grande gargalo de garrafa” porque há vinte ou trinta formadores para cem mil pessoas. Isto é um exemplo exagerado. Uma segunda é o apoio e acompanhamento social que estas pessoas têm. Têm vontade e ideias, juntam-se em comunidade e implementam um projeto mas se muitas vezes não tiverem lá alguém... uma instituição por exemplo, a dar aquelas palmadinhas nas costas uma vez por semana ou uma vez por mês a ajuda-las a ir para a frente poderá ser difícil para estas pessoas. Visto que elas poderão esmorecer nas suas iniciativas e na sua motivação que é interior. Mas alguma pressão externa muitas vezes ajuda, pois sem isso as pessoas não conseguem avançar sozinhas. Depois de ensinar uma pessoa a andar de bicicleta ela sabe andar sozinha e não precisa de nós. Se “ensinarmos uma pessoa a pescar, desde que tenha a cana, ela sabe pescar e não precisa de nós”. Lá está no fundo é a parte dos conhecimentos no sentido de se qualificar estas pessoas para o contexto de trabalho.

No que diz respeito às potencialidades estas são sempre máximas. Porque a partir do momento em que um grupo se junta para colmatar problemas sociais, seja no apoio social seja no acompanhamento aos idosos seja financeiro na tentativa de realizar dinheiro, obviamente que irá ser bom para estas pessoas. Pois irá criar dinâmicas e irá tornar as pessoas uteis e realizadas, terão um motivo para sair de casa. E quem sabe se conseguirem criar um negócio que dê dinheiro para aquele grupo, pelo menos será um grupo capaz de se sustentar. Isso já é um sucesso. Antes de irmos erradicar a pobreza do mundo, se calhar temos que começar por erradicar a pobreza no nosso bairro. Que foi a opção do grupo Artes de Coração. Depois e este é o grande fator de disseminação da informação é partilhar esta prática noutros locais. Por exemplo no lado oposto do concelho, existe São Jacinto. Se esta ideia chegar a São Jacinto e for implementada teremos aqui dois polos periféricos a confluír para o centro. Se calhar no espaço de cinco anos teríamos muitas freguesias com práticas semelhantes. Porque não disseminar estas práticas do grupo Artes de coração por todas as freguesias que tem a mesma realidade? Isto ser potenciado futuramente através de alguma instituição a gerir estes grupos. De forma a acolher as pessoas desempregadas de todas as freguesias que estão em situação de isolamento, desta forma fazer com que as pessoas se sintam uteis. Esta seria uma saída. A disseminação das ideias. A disseminação do pensamento, a abertura do pensamento, a criação de valor acrescentado, porque além de as pessoas aprenderem, estão a ensinar e a fazer o bem aos outros. E não precisam de ser técnicos engravatados de topo, sentados em cadeirinhas confortáveis em grandes organismos a ganhar o seu dinheirinho, que são os únicos responsáveis por isto.

Em toda a história, as grandes revoluções e avanços tecnológicos saem das caves das pessoas, saem dos estratos sociais mais baixos porque são os que realmente tem a necessidade de fazer alguma coisa, de se mexer e de criar algo.

Sou um gestor que também atuo na área social.

Julgo que o caminho de melhoria destes grupos é a especialização e os contactos. O valor acrescentado é medido pela soma de todas as partes. Se todos estes grupos mantiverem a sua ideologia e começarem a crescer e arriscar a sair da zona de conforto e pensarem em crescer e pensarem num caminho a seguir isso envolve pesquisas contactos estratégias.

As pessoas devem avançar com calma mas sempre numa lógica de crescimento e não numa lógica de estagnação no sentido de “já estamos bem e vamos ficar por aqui”. Se se quer melhorar há que pensar no caminho melhor para isso.

2. Gostaria de acrescentar mais alguma informação relevante para este estudo?

Empreendam!

Muito obrigado pela sua colaboração!
